

FRANCISCO JOSÉ FERNANDES PINTO

**SATISFAÇÃO CONJUGAL, PROCURA DE
SENSAÇÕES E MOTIVAÇÕES PARA A
INFIDELIDADE**

Orientadora: Bárbara Gonzalez

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

FRANCISCO JOSÉ FERNANDES PINTO

**SATISFAÇÃO CONJUGAL, PROCURA DE
SENSAÇÕES E MOTIVAÇÕES PARA A
INFIDELIDADE**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia, Escola de Psicologia e Ciências da Vida com Despacho Reitoral nº 81/2017 com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Américo Baptista

Arguente: Professora Doutora Ana Filipa Beato

Orientadora: Professora Doutora Bárbara

Gonzalez

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

Dedicatória

“À minha avó Maria José, aos meus pais, assim como ao meu filhote que sempre constituiu para mim uma forte base de equilíbrio e força”

Agradecimentos

Na conclusão desta dissertação tenho que agradecer a todos os que participaram direta e indiretamente nela.

Agradeço a Deus por fazer parte deste universo, aos meus pais por existir, ao meu filho por me fazer sentir sempre a importância da força e da perseverança, ensinamentos que bebei de mim e depois em mim os projetou.

A todos os meus colegas em especial ao meu bom amigo Paulo Silvestre que sempre me apoiou neste percurso académico.

Agradeço também a todos os docentes da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia que fizeram parte integrante do meu crescimento intelectual e humano, com especial carinho para o Sr. Professor António Camilo e a Professora Cláudia Madeira.

À Professora Doutora Barbara Gonzalez minha orientadora por todo o empenho e dedicação em todo este percurso académico.

Por último quero agradecer à Universidade Lusófona por ter sido o berço do meu nascimento e crescimento para mundo maravilhoso, fascinante e inesgotável que é a Psicologia.

Resumo

A finalidade desta investigação foi estudar a (in) satisfação conjugal, procura de sensações e motivações para a infidelidade.

Os instrumentos utilizados foram “Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal” (EASAVIC), “*Sensation-Seeking Scale – V*” e “*Motivations for Infidelity Inventory*” (MII).

Como critérios de seleção, os participantes deveriam encontrar-se numa relação heterossexual com uma duração mínima de 2 anos. O sistema de recolha de dados utilizado foi o modelo *e-survey*.

A investigação de natureza transversal, recolheu uma amostra de conveniência, não probabilística constituída por 243 participantes com uma média de idades de 41,22 anos (DP=11.60), que variaram entre os 22 e os 79 anos. A maioria dos participantes era do género feminino (n= 133; 54,7%), casado (n= 134; 55.1%), apresentava formação académica ao nível do secundário (n=88; 36.2%) e encontrava-se empregado (n= 201; 82.7%).

Quanto aos resultados, os homens mostraram níveis significativamente mais elevados de satisfação conjugal na área de funcionamento [$t(235.78) = 3.04; p = .003$], na área do amor [$t(238.61) = 2.35; p = .019$] e satisfação conjugal global [$t(238.17) = 2.87; p = .004$] quando comparados com as mulheres; os homens mostraram níveis significativamente mais elevados do que as mulheres no que respeita à infidelidade [$\chi(1) = 16.49; p = .000$]; a infidelidade física/sexual foi superior nos homens e a infidelidade emocional foi superior nas mulheres [$\chi(1) = 24.41; p = .000$]; os participantes que ponderaram vir a ser infiéis ao (à) seu (sua) companheiro(a) apresentaram índices significativamente mais elevados de procura de sensações [$t(241) = 5.13; p = .000$]; e participantes com elevados níveis de procura de sensações (SS) apresentaram níveis significativamente mais elevados de motivações para a infidelidade do que pessoas com baixos níveis de procura de sensações [$t(241) = -5.64; p = .000$].

Palavras-chave: Satisfação conjugal; procura de sensações; fidelidade; infidelidade

Abstract

The goal of this investigation was to study the conjugal (in) satisfaction, sensation seeking and motivations to infidelity.

The tools used were “Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal” (EASAVIC), “Sensation-Seeking scale - V” and “Motivations for Infidelity Inventory” (MII).

As a selection criteria, all the participants needed to be in a heterosexual relationship for a minimum duration of two years. The data collection system used was the 'e-survey' model.

The natural transverse investigation, collected an unbiased sample consisting of 223 participants with an average age of 41.22 years ($DP=11.60$), which varied in between 22 and 79 years old. The majority of the participants were of the female gender ($n=133$; 54.7%), married ($n=99$, 55.1%), had completed a high school education ($n=88$, 36.2%), and were employed ($n=201$, 82.7%).

When it comes to the results, men had significantly higher levels than women of marital satisfaction in the area of functioning [$t(235.78) = 3.04$; $p = .003$], in the area of love [$t(238.61) = 2.35$; $p = .019$] and overall marital satisfaction [$t(238.17) = 2.87$; $p = .004$]; men had significantly higher levels than women when it came to infidelity [$\chi(1)=16.49$; $p = .000$]; physical/sexual infidelity was superior in men and emotional infidelity was superior in women [$\chi(1)=24.41$; $p = .000$]; the participants that thought of being unfaithful to their partners had significantly higher levels of sensation seeking [$t(241) = 5.13$; $p = .000$]; the participants with high levels of sensation seeking (SS) were highly motivated towards infidelity compared to individuals with lower levels of sensation seeking [$t(241) = -5.64$; $p = .000$].

Keywords: Marital satisfaction; sensation seeking; fidelity; infidelity.

:

Abreviaturas e símbolos

AMO - Amor

APA - *American Psychological Association*

AUT - Autonomia

BS - *Boredom Susceptibility*

C - Continuidade

CC - Comunicação e conflitos

CFP - Características físicas e psicológicas

DES - Desinibição

DIS – *Disinhibition*

EASAVIC - Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

EPS - Escala de Procura de Sensações

ES - *Experience Seeking*

FC - Funcionamento conjugal

FF - Funções familiares

IE - Intimidade emocional

IMI – Inventário de Motivações para a Infidelidade

INSAT – Insatisfação

MII - *Motivations for Infidelity Inventory*

NEGLI - Negligência

PE - Procura de Experiências

PEA - Procura de Emoção e Aventura

RAI – Raiva

REF - Relações extrafamiliares

SES - Sentimentos e Expressão de Sentimentos

SEX – Sexualidade

SEXU - Sexual

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

SS – *Procura de Sensações Total*

SSS – V - *Sensation-Seeking Scale V*

ST - Suscetibilidade ao Tédio

TAS - *Thrill and Adventure Seeking*

TL - Tempos livres

ULHT - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

WHO – *World Health Organization*

Símbolos

n – frequência absoluta

% - percentagem (frequência relativa)

p – significância

r - Coeficientes de Correlação de *Pearson*

t – t test (t Student)

χ^2 – Teste *Chisquare*

Índice

Introdução	11
CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico	13
1. <i>Ciclo de vida e Conjugalidade</i>	<i>14</i>
2. <i>Satisfação conjugal.....</i>	<i>17</i>
3. <i>Personalidade e procura de sensações</i>	<i>23</i>
4. <i>Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas</i>	<i>29</i>
5. <i>Motivações para a infidelidade</i>	<i>35</i>
6. <i>(In) Satisfação conjugal, procura de sensações e (in) fidelidade</i>	<i>38</i>
CAPÍTULO II – Método.....	45
1. <i>Participantes</i>	<i>46</i>
2. <i>Instrumentos</i>	<i>48</i>
3. <i>Procedimento</i>	<i>54</i>
CAPÍTULO III – Resultados.....	55
1. <i>Comparação de ser infiel e motivações para a infidelidade em função do género</i>	<i>56</i>
2. <i>Diferenças entre géneros.....</i>	<i>57</i>
3. <i>Análise das correlações bivariadas</i>	<i>61</i>
4. <i>Análise preditiva da infidelidade.....</i>	<i>64</i>
a. <i>Análise preditiva da infidelidade – género masculino</i>	<i>65</i>
b. <i>Análise preditiva da infidelidade – género feminino</i>	<i>65</i>
5. <i>Diferenças entre pessoas que ponderavam (ou não) vir a ser infiéis e procura de sensações.....</i>	<i>66</i>
6. <i>Procura de sensações e motivações para a infidelidade.....</i>	<i>67</i>
CAPÍTULO IV – Discussão	69
Conclusão	77
Referências	80
Anexos.....	I
Anexo I – Protocolo de investigação	II
A – <i>Dados sociodemográficos.....</i>	<i>III</i>
B- <i>Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal - (EASAVIC, Narciso & Costa, 1996)</i>	<i>IV</i>
C - <i>Sensation-Seeking Scale V (SSS – V, Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978)</i>	<i>VI</i>
D - <i>Motivations for Infidelity Inventory – (MII, Barta & Kiene; 2005).....</i>	<i>VIII</i>

Índice de Tabelas

Tabela	Pág.
Tabela 1. Caracterização da amostra – Género, estado civil e nacionalidade	46
Tabela 2. Caracterização da amostra – Formação académica, situação laboral, grupo com maior tendência para a infidelidade, possibilidade de ser infiel sem ser descoberto	47
Tabela 3. Caracterização da amostra – Motivações para a infidelidade e idade	48
Tabela 4. Comparação da hipótese de ser infiel e motivações para a infidelidade, em função do género	56
Tabela 5. Comparação de médias das dimensões em estudo, em função do género	58
Tabela 6. Comparação da infidelidade (na atualidade) em função do género, perspetiva global	59
Tabela 7. Comparação infidelidade durante um relacionamento anterior e atual, em função do género	59
Tabela 8. Matriz de Correlações Bivariadas (Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal (EASAVIC), Procura de Sensações e Motivações para a Infidelidade)	61
Tabela 9. Preditores da infidelidade	64
Tabela 10. Preditores da infidelidade – género masculino	65
Tabela 11. Preditores da infidelidade – género feminino	66
Tabela 12. Comparação de médias das dimensões da escala procura de sensações, em função de ponderarem ser ou não infiéis se tivessem a certeza que não eram descobertos	67
Tabela 13. Comparação de médias das dimensões da escala motivações para a infidelidade, em função de níveis baixos ou elevados de procura de sensações total (SS)	68

Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a análise da relação desenvolvida na dinâmica da vida dos casais (casados ou em união de facto), procurando por um lado compreender que fatores poderão estar ligados à avaliação da satisfação conjugal e por outro as motivações e justificações para a infidelidade. Partindo da premissa que quando duas pessoas estabelecem uma relação conjugal esperam à partida, lealdade recíproca, confiança e exclusividade. No entanto, o compromisso de respeito, lealdade e confiança nem sempre é respeitado, impondo-se tentar perceber o porquê.

De acordo com a literatura, uma das características da personalidade que pode influenciar e ajudar a compreender esta dinâmica é o traço de personalidade procura de sensações (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Sweeney & Horwitz, 2001).

Muitas questões se levantam na tentativa de compreender este fenómeno, e pensamos que as respostas podem estar presentes nas diferentes formas como os membros do casal se relacionam, não só ao nível intradiádico, nomeadamente como cada um “vê e se sente” o outro, como cada um é capaz de se entregar (ou não) ao outro e ser capaz (ou não) de estabelecer com ele relações íntimas profundas, como cada um vivencia o prazer sexual com o parceiro, mas também nas trocas entre eles nos vários contextos da vida-a-dois (familiares e sociais), nas diferentes formas como cada um lida com os seus desejos “proibidos” e nos diferentes meios de satisfazer, ultrapassar ou contornar esses interditos. Por outro lado, é igualmente relevante tentar perceber como tudo isto é digerido, assimilado, resolvido e conhecer o seu impacto em cada um dos indivíduos da relação.

A revisão de literatura - descrita no capítulo do enquadramento teórico e que vem a seguir a esta introdução – dá suporte teórico-metodológico ao presente estudo, e tem como propósito desenvolver os diferentes aspetos que concorrem para a avaliação da satisfação conjugal e compreensão dos comportamentos de infidelidade. Procuramos encontrar as dimensões de análise que podem ajudar a explicar os diferentes perfis psicológicos que motivam as pessoas a concretizar esses comportamentos, o alcance da satisfação que procuram e o impacto no (s) outro (s) parceiro (s).

Iremos também definir alguns conceitos-chave trabalhados neste estudo, ao mesmo tempo que valorizaremos a definição e o entendimento daqueles que lhes serão semanticamente opostos. Esta dicotomia fará sentido quando analisarmos o conflito e a luta interior presentes em cada pessoa no momento das suas atuações e na perceção do fenómeno que está a ocorrer na sua vida. Como exemplo, referimos que entender o conceito de

infidelidade pressupõe inequivocamente a compreensão do conceito de fidelidade, tal como o de lealdade a deslealdade, e tantos outros que serão mencionados neste trabalho. Em torno desta questão central que é a infidelidade na vida dos casais, procuram-se as respostas que possam validar ou não as hipóteses teóricas colocadas. Este capítulo culmina com o levantamento algumas hipóteses teóricas que deram corpo ao modelo de análise desta pesquisa.

Segue-se o capítulo Metodológico, onde é realizada a descrição sumária dos participantes, são apresentados os instrumentos e suas características e onde é desenvolvido o procedimento colocado em prática nesta investigação. Foi utilizado o programa estatístico *Statistical Package Social Sciences* (SPSS), versão 20.0, para a análise estatística dos resultados.

No capítulo Discussão, são relembradas as hipótese teóricas levantadas e discutidas à luz da literatura atual, terminando com uma alusão às limitações do presente estudo e sugestões para futuras investigações. Segue-se a Conclusão, na qual apontamos as principais conclusões.

Para as citações e referenciação bibliográfica adotámos as normas da *American Psychological Association* (APA).

O estudo termina com a apresentação das referências e em anexo o protocolo de investigação desenvolvido para este trabalho de investigação. As citações dos autores e eventuais traduções livres são da responsabilidade exclusiva do autor deste trabalho.

CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico

1. Ciclo de vida e Conjugalidade

*A vida é feita de nadas:
De grandes serras paradas
À espera de movimento
De searas onduladas
Pelo vento;

De casas de moradias
Caídas e com sinais
De ninhos que outrora havia
Nos beirais;

De poeira
De sombra de uma figueira
De ver esta maravilha:
Meu Pai a erguer uma videira
Como uma mãe que faz a trança à filha.

Miguel Torga “ Bucólica “*

O ciclo da vida, no ser humano é determinado pelas várias etapas pelas quais ele passa tendo como objetivo principal a sua sobrevivência, assim como a continuidade da sua espécie. Nesse processo são várias as fases, desde o nascimento até ao momento em que inicia um novo ciclo, o partilhar da sua vida com um outro. Nessa fase, inicia-se o ciclo da vida familiar, onde para alguns autores é composto por cinco períodos: primeiro período inicia-se com a geração do casal; segundo período diz respeito à família que se reproduz; terceiro período quando as crianças estão na idade escolar; quarto período quando os filhos são adolescentes; quinto e último período quando os filhos já são adultos (Alarcão, 2002; Relvas, 1996).

Para Ribeiro (2007) neste ciclo da vida familiar eleva-se para além das funções reprodutoras, transmissão de valores, conhecimentos culturais, atitudes, sendo estas atitudes responsáveis pela forma como a pessoa se vai relacionar com os outros quer no contexto em que se encontra, quer como com a restante sociedade, contribuindo assim para a forma como vai transmitir todo o seu saber às gerações seguintes, assentando a sua característica individual na evolução e continuidade da espécie.

Para Narciso (2002, p. 53) conjugalidade diz respeito

“...ao tempo atravessando a relação, a relação atravessando tempos. Metamorfoses na configuração, sentimentos de fundo em relevo, as ‘explosões’ irrompendo intermitentes, o tempo incluindo passado, presente e futuro, o ‘nós’ emergindo para além do ‘eu’ e do ‘tu’, tornando-se essência”.

Para Aboim (2006, p. 97) “... é o ato de partilhar o mesmo teto que define a conjugalidade”.

Partindo de uma visão sistémica, de acordo com Carter e McGoldrick (2001), conjugalidade é a relação entre dois seres que se unem com a intenção da partilha de uma vida e com a finalidade de formar um casal. Segundo Scorsolini-Comin e Santos (2011), a conjugalidade pode ser compreendida pelo entrelaçar de duas pessoas, de duas histórias, que ao cruzar-se, iniciam o confluir das suas individualidades, iniciando desta forma uma nova história dinâmica, em constante construção, resultante da relação conjugal, formando desta forma uma nova identidade, a identidade de um casal. A construção de uma relação conjugal é considerada como um processo de complexidade elevada, pois a sua construção é composta por várias fases na relação e de vários contextos para alcançar o patamar de uma relação afetiva, plena e estável.

Desta forma na procura de uma realidade a dois, cada um reconstrói a sua realidade, criando e estabelecendo pontos comuns, partilhando-os e promovendo assim a sua interação, e desta forma a construção de uma identidade, a de casal (Féres-Carneiro & Neto, 2010).

Para Sousa (2006), é após a constituição do casal que tudo começa, a conjugalidade, onde ambos se responsabilizam por estabelecer uma relação perdurável, alicerçada num constante apoio familiar, adaptação, complementando-se mutuamente no campo do crescimento familiar, no sentido de criar um modelo de identidade conjugal, modelo este resultante da integração do modelo de conjugalidade semelhante ao das suas famílias.

A herança do modelo familiar coloca como objetivo fundamental o conjugar entre personalidade e conjugalidade, pois torna-se imperativo que ambos se empenhem na relação conjugal, sem a impressão de desistência da sua identidade ou ainda das suas origens. No mesmo sentido, é importante não oferecer resistência às influências trazidas para a relação por qualquer um dos dois, a funcionalidade da conjugalidade é assim possível pois existe equilíbrio neste jogo de partilhas e de complementaridades (Minuchin, 1982).

A conjugalidade transforma-se declaradamente num sistema de realidade semelhante, onde individualmente, se reconstrói uma realidade a partir do modelo de identidade conjugal e a partir de referências semelhantes (Berger & Kellner, 1964; Veiga-da-Silva, 2001).

A interpretação da realidade por parte de um dos elementos do casal terá que ter uma correlação continua com a interpretação da mesma por parte do outro elemento, sendo uma prática comum em todos os aspetos da vida diária (Veiga-da-Silva, 2001).

Muitas são as definições que têm sido atribuídas à conjugalidade referindo-se simultaneamente à questão de grande importância que a conjugabilidade tem: o coabitar e o conviver. É importante que neste coabitar exista sintonia e harmonia, e neste sentido ambos estão obrigados a uma constante negociação na convivência diária e na tomada das várias resoluções/decisões existem os custos e os benefícios (Singly, 2000 cit por Aboim, 2006).

De acordo com Alarcão (2002) a fase inicial na relação conjugal, é a fase da construção de tudo, onde se projeta e planeia e se sonha um futuro pleno e desejado, partindo desta junção e da realidade atual. Sendo uma fase de enorme envolvimento emocional e sentimental, a questão da conjugalidade não é, no entanto, apenas considerada tendo como suporte esta etapa mas sim num *continuum* de atos, atos estes que por sua vez irão determinar um padrão na relação conjugal vital para a resistência e a superação de todas as situações esperadas ou inesperadas que o mesmo terá que transpor durante a relação permitindo-lhe manter perdurável no tempo.

Segundo Relvas (2000) no ciclo da vida da relação conjugal poderão ser consideradas três fases: a *fusão*, sendo esta a respeitante aos dez primeiros anos do casal onde está patente um enorme equilíbrio entre as famílias de origem, a rede social que integram e os restantes sistemas que são dominantes numa relação conjugal. Neste período, os três anos iniciais são geralmente os de maior tensão e de mais conflito pois é o período de ajustamento do casal, da necessária adaptação de ambos, poderá estar presente o nascimento de filhos, podendo eles contribuir de forma positiva para amenizar alguns momentos de tensão e algum conflito. A fusão considera-se mais concludente sensivelmente no período dos sete anos da relação, existindo nesta fase e de forma mais estruturada uma melhor capacidade na resolução dos conflitos e na distribuição do domínio no casal; a fase do *regresso ao “tu” e ao “eu”* - situado entre os dez e os vinte anos, nesta fase a relação conjugal é dominada pelo desenvolvimento e pela emancipação dos filhos, permitindo desta forma o tempo necessário para a auto avaliação da preponderância/colaboração na relação conjugal, onde a necessidade da autorrealização, os faz questionar sobre a continuidade do casal, receando ainda a dissolvência do mesmo; e a fase da *empatia* - resultante da partida dos filhos de casa, o casal tem a oportunidade de regressar a investir e a apreciar a relação. Este período poderá ser marcado por diversos fatores, desde o nascimento dos netos, à entrada na reforma, à morte de amigos ou familiares, e ainda o pensamento e o medo da eventual morte do(a) companheiro(a) ou a sua.

2. Satisfação conjugal

“A principal lei da vida que faz o casamento um caminho para a felicidade não é desprovido de espinhos, mas plenamente realizador quando bem vivido”
Nascimento, Lopes, Cerutti, Esteves, Iatchac e Argimon, 2011, p. 10

A alegria, o conforto e o prazer são os desígnios que o Ser Humano deseja e procura obter em todo o processo que envolve uma relação amorosa. A satisfação na mesma é influenciada por vários fatores, a privacidade e o seu conforto, entre os quais na intimidade tanto emocional como física, constituem os alicerces indispensáveis à apreciação positiva efetuada pelo casal do estado da relação (Andrade, Garcia & Cano, 2009).

A apreciação da satisfação conjugal decorre de uma análise individual, de cariz absolutamente pessoal do entendimento daquilo que é o casamento. A atribuição e o desempenhar dos vários papéis, assim como a alegria no desempenho dos mesmos, ou ainda a exaustão decorrente da regularidade de conflitos que advém da relação, constituem fatores que de forma positiva ou negativa podem enviesar o julgamento do casal, atribuindo assim uma subjetividade na apreciação da satisfação conjugal (Thompson in Narciso, 1996).

Para Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) o amor desempenha papel fundamental, e constitui a razão pela qual mesmo insatisfeitos, os casais optam por permanecer na relação, confirmando a importância que constitui o amor romântico na cultura ocidental do mundo atual. Os comportamentos íntimos, e a qualidade dos mesmos são fundamentais e vitais na saúde física e mental do casal, assumindo inclusivamente papel de enorme relevância também na atividade profissional das pessoas.

Ainda na mesma linha de pensamento, Gottman e Silver (2001) assumem a posição que, um relacionamento conjugal equilibrado e feliz permite preservar bons níveis de saúde, reforçando assim o sistema imunitário, mantendo desta forma as pessoas mais saudáveis. Encontrar a alma gémea e ser feliz, faz parte do imaginário de todo o Ser. Desejar que vivam felizes para sempre consiste num processo complexo de construção diária, de dedicação, compreensão, entrega e cedências. Para uma relação conjugal feliz o mais importante é que ambos caminhem lado a lado no mesmo sentido.

A obra *“Research in marriage”* de Gilbert Hamilton (cit por Figueiredo, 2005), difundida na década de 20 do século passado, deu início à movimentação por parte da

comunidade científica para a investigação da complexidade das questões relativas à satisfação conjugal, que durante o século XX motivou numerosos estudos no sentido da compreensão dos fatores relacionais, entendimento das questões afetivas, sendo a principal preocupação o estudo dos fatores que estão presentes numa relação conjugal bem-sucedida.

Assim, pode considerar-se que a satisfação conjugal está associada a várias dimensões do bem-estar, nomeadamente à satisfação com a vida, afetividade positiva, autoestima, bem-estar subjetivo, confiança e saúde física e mental (Logan & Cobb, 2016; McCray, 2015; Proulx, Helms, & Buehler, 2007; Robles, Slatcher, Trombello, & McGinn, 2014).

A qualidade e natureza das interações diárias dos casais têm implicações diretas no bem-estar, humor e nas relações propriamente ditas (Logan & Cobb, 2016; Proulx, Helms, & Buehler, 2007). Uma relação sólida e satisfatória, requer uma adaptação constante. Com o conhecimento mútuo ao longo da vida em comum, vão-se compreendendo as dinâmicas do casal, que se refletem na união das individualidades. É no respeito pelas individualidades que se começa a construir algo de bom e satisfatório (Maranges, & McNulty, 2016).

Uma parte significativa da investigação direciona as diretrizes do estudo para casais com problemas conjugais ou sob influência de efeitos stressores, o que é compreensível pois são fatores desestabilizadores da relação, contudo, uma outra linha de investigação tem-se debruçado sobre a forma como os casais comunicam e celebram os feitos, as experiências, os sucessos e as alegrias do parceiro de relação. De acordo com esta linha, a visão positiva está associada à afetividade positiva e satisfação com a vida, celebrando as conquistas e os benefícios do(a) companheiro(a) (Logan & Cobb, 2016).

Todos os cônjuges que mantêm uma forte união afetiva, que são cooperantes, que têm bem definidas as suas funções dentro da hierarquia das necessidades conjugais e que ao longo do período relacional perante as adversidades as superaram conseguindo desenvolver formas adequadas de comunicar, mostram ser aqueles que têm uma relação conjugal bem-sucedida (Merves-Okin, Amidon & Bernt, 1991; Norgren et al, 2004). Foi possível concluir que casais satisfeitos apresentam aptidões na resolução de problemas, encontram-se comprometidos com a relação, estabelecem laços de confiança, respeitam o outro (e não só o elemento da relação), mostram-se sensíveis aos sentimentos e necessidades do cônjuge, partilham interesses e atividades, e valorizam a componente sexual (Norgren et al, 2004).

Um casal que se interessa de forma genuína pelas conquistas e vitórias do outro membro está associado a uma maior qualidade no relacionamento e estabilidade emocional, o que contrasta, com a crítica, oposição ou o desinteresse. Assim, a forma como comunicam

(verbal e não verbal) parece ser fundamental no desenvolvimento da relação (Logan & Cobb, 2016).

Desta forma, a cumplicidade entre os membros do casal e a intimidade são um importante preditor de satisfação conjugal (Greeff & Malherbe, 2001). O humor pode ser um fator a ter em consideração para aliviar circunstâncias de vida stressantes. Outro fator de extrema importância na avaliação da satisfação conjugal é a confiança depositada em cada um dos membros do casal, que parece ser um dos pilares fundamentais de uma relação duradoura e saudável (Lazelere & Huston, 1980; Logan & Cobb, 2016).

De acordo com os autores Narciso e Costa (1996) no trabalho “Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos”, a satisfação na área da funcionalidade, não influencia de forma significativa a satisfação conjugal na sua globalidade, no entanto, a satisfação na área referente ao Amor, já tem influência na satisfação global com maior relevo na questão da intimidade e da paixão, sentimentos, demonstração dos sentimentos, afetividade e sexualidade. Muito embora estas observações sejam de cariz hipotético, elas são consideradas na intervenção e prevenção na terapia de casais.

Segundo Kazak (1988) os estudos na sua globalidade sobre a satisfação conjugal incidem em quantificar a satisfação e não tanto em entender a organização da mesma, excluindo-se assim o “como” da satisfação, quando apenas se avalia a dimensão quantitativa. Nesta avaliação, há que ter em consideração as áreas em que a maior ou menor realização do casal são determinantes para a maior ou menor satisfação no casamento ao longo do tempo e que são preponderantes: o como, o quando, e o porquê.

Narciso (2001) refere que a noção de qualidade é determinada pelo empenho da pessoa e dos cônjuges na relação, enquanto a satisfação conjugal resulta particularmente da apreciação individual e subjetiva de cada cônjuge relativamente à mesma.

Esta avaliação vai ao encontro da determinada por Watson (2004), que confirmara que a satisfação conjugal é, de forma primária um exercício das particularidades exclusivas do avaliador e que tem pouca correspondência com as parecenças com o cônjuge.

Foram efetuadas algumas investigações com a finalidade de determinar o conceito de satisfação conjugal. Uma das principais linhas de investigação centra-se no impacto de diferentes variáveis na satisfação conjugal, tais como: a perceção sobre o companheiro e sobre a relação (Narciso & Costa, 2002); acontecimentos de vida stressantes (Chi et al., 2011; Li & Wickrama, 2014; Narciso & Ribeiro, 2009; Woszidlo & Segrin, 2013); a comunicação

(Carroll, Hill, Yorgason, Larson, & Sandberg, 2013; Norgren, et al, 2004); o afecto (Acevedo & Aron, 2009; Roizblatt et al., 1999).

Para Hendrick e Hendrick (1997), o constructo satisfação conjugal surge como uma apreciação resumida da relação conjugal. Num modelo de relação onde se impõe a premissa da entrega e da partilha de forma sincera e recíproca, que advém do equilíbrio entre a ambição e a esperança, quando a comparada com a que realmente tem (Norgren et al., 2004).

Num outro estudo Narciso e Ribeiro (2009) concluem que a satisfação conjugal é determinada pela apreciação de cada um dos cônjuges, valorizando de forma individual aquilo que cada um pensa da relação. Assim, de acordo com Narciso e Ribeiro (2009), a satisfação conjugal é determinada pela harmonia que emerge do casal, contribuindo assim para uma apreciação positiva do relacionamento vivido e contribuindo também para a avaliação positiva do desempenho de ambos.

A fórmula para se obter uma relação conjugal plena e harmoniosa é ela ser construída e vivida alicerçada de forma consistente em sentimentos de compreensão, amor, intimidade e felicidade (Karpel, 1994).

Segundo Gottman (1998) a noção de Satisfação Conjugal é calculada pelo grau de bem-estar sentido pelo casal durante o período de vida a dois, sem nunca excluir da equação a pergunta insatisfação na relação, pois muito embora a avaliação global da relação conjugal seja positiva no período que decorre, não se anula por completo os momentos assim como os tempos em que para ambos existiu um sentimento de insatisfação.

Assim, para Sousa (2006) as situações adversas pelas quais passa o casal, vão atribuir a capacidade de delimitar o seu espaço à intrusão de influências externas, permitindo-lhe o devido suporte para gerir questões de ordem psicológica tais como o stress sendo ele provocado por fatores internos ou externos à relação conjugal. Os momentos de adversidade na relação podem ser provocados dentro ou fora dela, assumem a função psicológica de fortalecer a resiliência, permitindo maior compreensão e o solidificar dos afetos, protegendo desta forma o casal da interferência de estranhos à relação.

Para Narciso e Costa (1996), a satisfação conjugal é vista como um conceito fundamentalmente multidimensional, imperando duas dimensões específicas: o amor e a funcionalidade conjugal. A dimensão amor implica sentimentos partilhados entre ambos, contendo fatores como intimidade, investimento, compromisso e paixão. A segunda dimensão compreende a forma como o casal se regula e organiza perante as situações no processo familiar, conjugal e extrafamiliar. Assim, em cada uma das dimensões estão determinadas

cinco áreas da relação conjugal. Na dimensão Amor temos, sentimentos e manifestação de sentimentos, intimidade emocional, sexualidade, características físicas e psicológicas e por último a continuidade da relação. Relativamente à dimensão Funcionalidade Conjugal temos, as funções económicas, autonomia/privacidade, comunicação e conflitos, relações extrafamiliares e por último os tempos livres. Tendo como finalidade a possibilidade de se avaliar o nível de Satisfação Conjugal entre as pessoas, após definidas as dimensões anteriormente mencionadas e respetivas áreas da vida conjugal, repartição de conceitos, resultou a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).

O estudo desenvolvido por Brimhall, Wampler e Kimball (2008) com casais casados pela segunda vez, concluiu que a infidelidade conduziu à perda de confiança e teve um forte impacto na forma como o divórcio foi experienciado. Concluíram também que homens e mulheres reagem emocionalmente de maneira diferente à infidelidade, sendo que 83% das mulheres sentiram alívio após o divórcio, já 87% dos homens consideram o divórcio como um momento difícil das suas vidas.

Os casais quando confrontados com as virtudes ou defeitos do parceiro conjugal, têm tendência a evidenciar narrativas que privilegiam uma visão positiva do relacionamento. Contudo, quando confrontadas com experiências negativas, experiências específicas que foram pouco gratificantes, os elementos do casal tendem a minimizar as implicações ou até mesmo a desvalorizar essas situações nas avaliações da satisfação com o relacionamento. Por outro lado, fazer avaliações sobre a satisfação conjugal quando ambos passaram por experiências recentes quer de momentos de alegria, satisfatórios e gratificantes, ou por outro lado, de conflitos sérios poderão enviesar este processo de resposta, pela falta de distanciamento e até mesmo de algum discernimento (Maranges, & McNulty, 2016).

Tesser e Beach (1998), referem que as pessoas que avaliaram a sua satisfação conjugal (ainda que avaliando experiências algumas delas menos positivas), respondendo sem pressão ou sem estarem sob efeito de stresse, conseguiram o distanciamento suficiente para minimizar ou avaliar as experiências de uma forma mais sensata do que as pessoas que avaliaram experiências semelhantes sobre o efeito de stresse, não se conseguindo distanciar emocionalmente. Salientaram que em situações de forte pressão emocional, o distanciamento e a autorregulação não são suficientemente eficazes para avaliar experiências negativas sobre julgamentos sociais.

De acordo com McNulty e Olson (2015), a avaliação da satisfação conjugal não passa apenas pela utilização de respostas automáticas, mas antes por perceções simples ou

complexas que implicam a utilização de recursos cognitivos. Este processo de avaliação também implica um esforço de autorregulação que parece ser limitado.

Maranges e McNulty (2016) comparam o esforço de autorregulação a um músculo. A autorregulação é um mecanismo que exige um dispêndio de energia, contudo quando em uso intensivo, essa energia pode assumir níveis tão baixos ou até mesmo residuais que uma resposta equilibrada deixa de ser possível. A reposição homeostática no mecanismo de autorregulação pode ser realizada de duas formas: por um lado o descanso, nomeadamente através do sono, uma vez que este tem um efeito reparador da atividade neuronal e na capacidade de reorganização cerebral; e por outro o consumo de glicose que restabelecerá os níveis de energia. Assim, a autorregulação poderá ajudar na avaliação da satisfação conjugal mesmo em situações de experiências negativas. Pessoas que têm uma vida familiar e profissional muito intensa, tendem a estar mais suscetíveis.

De acordo com o estudo desenvolvido por Maranges e McNulty (2016), concluiu que o descanso e um sono reparador estão associados positivamente à satisfação conjugal, ao contrário das avaliações de casais que foram pais recentemente, onde o stresse físico e emocional é mais evidente. Alguns estudos têm revelado que o período pós-parto para alguns casais, em especial para a mulher, se revela complicado, quer em termos de gestão familiar, quer principalmente na gestão emocional, evidenciando casos de depressão, o que consequentemente pode conduzir a menor qualidade da vida conjugal (Choi, 2016; Kluwer, 2010).

Choi (2016) refere que a transição para a parentalidade pode ser um período de difícil adaptação, onde a diminuição da satisfação conjugal é constatada em algumas culturas individualistas. Já nas culturas coletivistas a relação entre pais e filhos é mais valorizada do que a relação conjugal. Este autor também adverte que a avaliação da satisfação conjugal deverá ponderar o estudo do ciclo de vida familiar e a cultura.

Um estudo desenvolvido com casais casados recentemente, concluiu que casais que apresentavam baixos níveis de depressão tinham maior probabilidade de estarem satisfeitos com o seu relacionamento marital. Este estudo também concluiu que quanto mais unido e satisfeito estiver o casal menor seria a probabilidade das mães virem a experimentar um depressão pós-parto (Cho, Choi, Lee, Lee, Park, Na, & Kwon, 2004). Porém, a literatura também refere que o nascimento de um filho pode ter um impacto relevante na vida de um casal, principalmente se o suporte familiar e social for inexistente. Os níveis de satisfação no seio familiar também poderão refletir na ligação e na forma de educar os descendentes.

Assim, uma vinculação securizante durante a fase de crescimento e desenvolvimento tem sido amplamente associada a um ajustamento positivo em adultos, bem como a existência de um relacionamento familiar e conjugal funcional. Também o relacionamento conjugal se tem demonstrado determinante na adaptação e equilíbrio familiar, influenciando diretamente a relação pais-filho. Já os conflitos entre o casal podem influenciar negativamente a vinculação dos pais com os filhos (Peltz, Rogge, Rogosch, Cicchetti, & Toth, 2015).

Choi (2016) concluiu a existência de uma reciprocidade entre a satisfação conjugal e sintomas depressivos pós-parto, existindo uma relação inversa, ou seja, apesar de estarem intimamente ligados, esta associação é negativa, pois à medida que o casal aumenta a sua satisfação e o relacionamento melhora, também os sintomas depressivos têm tendência a diminuir. Concluiu igualmente que a associação entre a satisfação conjugal e os sintomas depressivos maternos de famílias coreanas nos três primeiros anos de vida em comum, são consistentes com os resultados obtidos em famílias ocidentais.

De acordo com McCray (2015), o estudo sobre a satisfação conjugal realizado com mulheres de militares americanos revelou que mais importante do que o tempo que estiveram destacados, a confiança e o comprometimento com a relação parecem ser fatores estruturantes nesta avaliação.

3. Personalidade e procura de sensações

Na literatura escrita em português este tema pode surgir com a designação procura de sensações ou busca de sensações, já na consulta internacional o termo é descrito como “*sensation seeking*” (Gouveia, Pimentel, Gouveia, Freires, Athayde, & Araújo, 2010).

A procura de sensações está intimamente ligada à Psicologia da Personalidade, que visa estudar o comportamento e o relacionamento social (Arnett, 1994; Gouveia, et al, 2010).

Importa esclarecer que o processo de “construção da personalidade”, é uma realidade até ao início da idade adulta e depois dessa fase tem tendência a estabilizar (Pervin, & John, 2004; Wade & Walsh, 2008).

De acordo com Zuckerman (1994), a procura de sensações está relacionada com a procura de novas experiências, cuja complexidade e intensidade podem estar associadas a algum risco, descrendo a procura de sensações como “the seeking of varied, novel, complex, and intense sensations and experiences, and the willingness to take physical, social,

legal, and financial risks for the sake of such experience”¹ (1994, p. 27). Segundo o mesmo autor, a procura de sensações é um constructo, uma manifestação da mente humana que se caracteriza, enquanto na sua dimensão animal, pela necessidade de se manter ocupado, e como tal, ter objetivos, como também por retirar o máximo prazer de determinadas atividades. Para Stewart (1975), a procura de sensações é, assim, a manifestação das necessidades internas do indivíduo na procura do prazer, sendo esta procura singular e diferente em cada indivíduo. Esta procura de sensações tem como base as diferentes experiências de vida de cada um, sendo o prazer resultante das experiências individuais e sociais que ao longo da vida obteve, determinante na forma da procura da conquista desse mesmo prazer em situações semelhantes ou parecidas.

Segundo Strelau (2010), a procura de sensações pode ser alcançada das mais diversas formas, havendo quem tenha prazer na simples execução das diversas tarefas domésticas, outros de uma forma mais intelectual, como ler ou jogar, ou ainda de uma forma mais física, como correr ou ter atividades de risco. Ainda de acordo com este investigador, esta forma variada de procura de sensações do ser humano resulta da evolução do seu cérebro, assim como de todas as suas cognições, permitindo-lhe de forma individual a interpretação do mundo e daquilo que lhe dá prazer.

Para Arnett (1994), a procura de sensações é uma característica da personalidade que tem tendência a manifestar-se no processo de socialização e onde sobressai a estimulação dos sentidos, através do que é novo ou original. Esta característica da personalidade pode ser detetada nas mais diversas áreas da vida, quer através de uma conduta social adequada, quer refletida em comportamentos antissociais.

É aceite pela ciência que a sensação de prazer adquirido num determinado momento está diretamente relacionada com a alteração dos neurotransmissores, e que as sucessivas situações de prazer vividas vão originando novas ligações neuronais e recriando repetidamente as mesmas situações de prazer, as mesmas que ao longo da sua vida originaram a libertação de hormonas, tais como a dopamina e a adrenalina. (Donohewa, Zimmerman, Cuppa, Novak, Colon, & Abell, 2000).

Elevados níveis de procura de sensações poderão estar associados a uma determinada fase da vida, nomeadamente a adolescência. De salientar que este traço de personalidade não é exclusiva desta fase do ciclo vital, contudo é na adolescência que se

¹ Tradução livre: “A procura variada, do que é novo, complexo e experiências e sensações intensas, e a vontade de assumir o risco físico, social, legal e financeiro por causa dessa experiência” (Zuckerman, 1994, p. 27)

começa a ganhar maior autonomia em relação aos progenitores e por outro lado os pares têm uma grande influência. Assim, os comportamentos de risco nesta fase parecem ter um papel atrativo, onde a atividade, intensidade, energia, novidade, originalidade são um chamariz para a experimentação (Arnett, 1994; Gouveia et al, 2010; Lalasz, & Weigel, 2011; Mann, Patterson, Grotzinger, Kretsch, Tackett, Tucker-Drob, & Harden, 2016).

Para Lalasz e Weigel (2011), não existe prazer no risco, contudo as pessoas com o traço de personalidade procura de sensações mais acentuado estão mais dispostas a assumir riscos de ordem física, social, financeira e legal.

Na maioria das vezes as pessoas têm capacidade de perceber que estão perante uma situação de risco, porém não valorizam essa percepção nas suas tomadas de decisão. De acordo com a Teoria da Procura de Sensações de Zuckerman, as pessoas com elevados níveis de procura de sensações demonstram uma tendência exponencialmente superior para assumir riscos a fim de obter experiências mais intensas e gratificantes (Byck, Swann, Schalet, Bolland, & Mustanski, 2015).

Estes fatores de risco podem ser identificados quer no consumo de álcool, consumo de produto estupefaciente, experimentação sexual sem conhecer os parceiros e sem tomar em conta as devidas medidas contracetivas, atitudes sexuais permissivas, comportamento delinquente, violência, condução imprudente ou no jogo (Byck, et al., 2015; Lalasz, & Weigel, 2011; Mann, et al, 2016; Northey, Dunkley, Klonsky, & Gorzalka, 2016; Richard, Segress & Claudill, 2007).

Alguns estudos referem que o auge da procura de sensações se situa, em média, por volta dos 16 anos, e é maior no sexo masculino (MacPherson, Magidson, Reynolds, Kahler, & Lejuez, 2010; Steinberg, Albert, Cauffman, Banich, & Graham, 2008).

Richard, Segress e Claudill (2007), fazem uma crítica à maioria dos estudos existentes sobre esta temática, uma vez que utilizam apenas amostras de adolescentes ou jovens adultos.

O constructo procura de sensações foi estudado por Zuckerman dando origem à criação da escala *Sensation-Seeking Scale* (SSS), com a denominação em português de Escala de Procura de Sensações (EPS). Foi desenvolvida inicialmente por Zuckerman, Kolin, Prince e Zoob (1964), tendo como objetivo principal avaliar o nível de estimulação ótimo (*optimal stimulation level*), propondo-se a predizer respostas numa situação experimental de privação sensorial. Assim, a escala refletia uma reação positiva e tinha a ambição de estimular e impelir os participantes a experimentar situações novas.

Esta escala foi desenvolvida para analisar traços de personalidade e emoções que estejam associados à procura de novas sensações e experiências. Das inúmeras sugestões e alterações surge a SSS – V desenvolvida por Zuckerman, Eysenck, e Eysenck, (1978). Estes autores realizaram um estudo transcultural com uma amostra Americana e uma amostra Inglesa e compararam a versão SSS-IV com a versão SSS-V. Assim, a escala SSS - V pretende contribuir para a compreensão das tomadas de decisão que impliquem preferências de risco e os constructos ligados à personalidade. A escala SSS – V divide-se em quatro dimensões: a primeira dimensão é designada por *Procura de Emoção e Aventura* (PEA), originalmente designada por *Thrill and Adventure Seeking* (TAS), encontra-se associada a práticas desportivas ou outras atividades que envolvam perigo como por exemplo a velocidade. A segunda dimensão é definida como *Procura de Experiências* (PE), originalmente *Experienece Seeking* (ES), e representa a procura de sensações e experiências que apelem à mente e aos sentidos, tais como viagens, conhecer novos povos e novas culturas e estilo de vida fora do que possa ser considerado tradicional para determinada cultura ou sociedade. A terceira dimensão foi nomeada de *Desinibição* (DES), originalmente nomeada *Disinhibition* (DIS), onde o à vontade e a falta de preocupações parecem ser preponderantes nestas pessoas, quer a nível social com a participação em festas e a ingestão de bebidas alcoólicas e consumo de drogas, quer a nível sexual com uma multiplicidade de parceiros. A quarta dimensão é nomeada de *Suscetibilidade ao Tédio* (ST), originalmente *Boredom Susceptibility* (BS), caracteriza-se pela dificuldade de assumir rotinas, não apreciar atividades repetitivas e demonstrar algum desagrado com pessoas cansativas e conversas desinteressantes.

De realçar que nos estudos realizados pelo investigador Zuckerman, o foco recaiu sobre o aspeto evolutivo, onde o homem assenta a procura do prazer naquilo que lhe dá mais adrenalina e estímulos novos como atividade física radical. Esta abordagem na procura de sensações vem de certa forma facilitar o estudo na comparação com a procura de sensações sexuais, também uma forma de obter prazer de ordem física (Zuckerman,1979). Desta forma, pessoas que apresentam valores elevados na Procura de Emoção e Aventura têm tendência a procurar sensações através de atividades radicais, sendo mais suscetíveis a situações perigosas, ou ainda atividades que exigem grande aplicação física, uma vez que esta será a forma aprendida da obtenção do prazer (Zuckerman,1979).

As pessoas com elevados níveis de Desinibição são mais suscetíveis a procurar o prazer nas situações consideradas por outros de extravagantes, sendo desta forma na maioria

das vezes o centro das atenções, onde descomplexados de pressões internas ou ainda sociais, atingem o verdadeiro e procurado prazer (Zuckerman, 1979). Para Strelau (2010), pessoas com elevados níveis de Desinibição é expectável que se sintam mais à vontade nas questões sexuais, procurando assim as mesmas para retirarem o maior prazer das sensações sexuais.

O traço de personalidade destas pessoas é caracterizado como manipuladores, não cumpridores de regras sociais, acentuando comportamentos para a quebra das mesmas, sempre em busca de novas tendências, podendo mesmo serem os impulsionadores de novas modas, contrariando assim as ideias da atualidade (Strelau, 2010). Para Zuckerman (1979), são pessoas com maior suscetibilidade ao aborrecimento, sendo os mais incapazes de retirar prazer da maioria das atividades que habitualmente os outros retiram, caracterizando-se através de uma forte aversão a atividades que são agradáveis aos outros, uma vez que se sentem incapazes de sentir o prazer semelhante ao sentido por aqueles. Conclui-se que pessoas com elevada suscetibilidade ao aborrecimento são mais infelizes, com menores níveis de autoestima, sendo também mais passivos na procura de sensações, de novas experiências, em suma, novas situações que se desviem da habitual rotina (Strelau, 2010).

Para Zuckerman (1994), serão os estados de excitação psicofisiológicos excessivamente baixos, resultantes da exposição do indivíduo a ambientes invariáveis e monótonos, na origem dos comportamentos de procura de sensações, levando o indivíduo à procura de estímulos mais intensos, ou de estimulação excessiva, podendo com isso contribuir para a redução dos níveis de excitação. Aos indivíduos com níveis elevados de procura de sensações atribuem-se comportamentos que promovam a elevada quantidade de estímulos, apresentam um traço elevado de procura de sensações, uma maior predisposição para iniciar novas experiências, independentemente dos riscos e das consequências, procurando assim deste tipo de situações uma maior e desejada satisfação.

Este constructo é visto não só como uma necessidade do indivíduo de testar novas situações de risco ou ainda a de testar novas experiências, enquanto fazendo parte da sociedade, mas também, como de acordo com os estudos realizados nos últimos anos, como condição fundamental da formação do seu meio social (Formiga, Aguiar & Omar, 2008; Lalasz & Weigel, 2011).

O traço procura de sensações tem, para Bratko e Butkovic (2003), 58% de componente genética e os restantes 42% são atribuídos a fatores de ordem externa. Referem, ainda, que este traço poderá ser associado a comportamentos de risco, desde comportamentos de abuso de álcool e drogas, jogo, prática de desportos radicais a comportamentos de ordem sexual.

De acordo com Arnett (1996), é na adolescência que o traço de procura de sensações está mais presente, sendo explicativo da conduta rebelde e sem preocupações, sem a avaliação das consequências dos atos próprios da idade, facto que não se regista na idade adulta. Defende, ainda, que estes comportamentos agressivos e imaturos nada têm de genético, mas antes envolvem a procura de sensações, sendo comportamentos típicos de uma adolescência predisposta para os comportamentos de risco.

Zuckerman (1994) refere que este traço apresenta correlações negativas com a idade, com os valores mais altos no término da adolescência, verificando-se após essa fase uma estável e progressiva diminuição desses comportamentos. Os indivíduos com elevados níveis de procura de sensações, relativamente aos comportamentos e às experiências sexuais, assumem condutas mais liberais, tendo por isso uma maior diversidade de parceiros, sendo este facto mais preponderante no sexo masculino (Zuckerman, 1994).

De acordo com Turchik, Garske, Probst e Irvin (2010), as variáveis da sexualidade assim como as variáveis da personalidade, tendem a determinar o seu traço na procura de sensações.

Um estudo americano realizado por Pedersen, Molina, Belendiuk e Donovan (2012), demonstrou que indivíduos caucasianos com elevados níveis de procura de sensações apresentaram maior tendência para o consumo de álcool em excesso, comparativamente aos afroamericanos com elevados níveis de procura de sensações.

Já o estudo desenvolvido por Voisin, Tan, e Diclemente (2013) verificou uma correlação positiva entre a procura de sensações e as tomadas de decisão de risco em termos sexuais. A amostra feminina em estudo revelou que quanto maior era a procura de sensações mais descurada era sua a segurança, nomeadamente menor uso de preservativos, mais parceiros sexuais, menor comunicação com o parceiro sexual, menor disponibilidade para negociar o uso do preservativo com o parceiro e consequentemente menor propensão para recusar ter atividades sexuais com o parceiro.

Marmorstein (2013) encontrou uma associação entre o fraco rendimento escolar ligada a comportamentos disruptivos e elevados níveis de procura de sensações.

A procura de sensações é considerada uma faceta da personalidade ligada à desinibição, caracterizada pela procura do que é novo, de experiências gratificantes e emocionalmente estimulantes. Os níveis de procura de sensações têm tendência a aumentar significativamente a partir do final da infância (sensivelmente a partir dos 10 anos) até a meio da adolescência (Mann, et al., 2016).

Um estudo que pretendeu estudar o comportamento antissocial associado ao consumo de substâncias, tendo como variáveis alguns traços de personalidade tais como a extroversão, a conscienciosidade, impulsividade ou a procura de sensações, concluiu que a procura de sensações parece ser a faceta que melhor descreve a afiliação a comportamentos delinquentes e a pertença a grupos de pares desviantes (Mann, et al, 2016).

Segundo Arnett (1994), pessoas com elevados níveis de religiosidade e baixos níveis de procura de sensações, estão mais propensas a casar e ter filhos.

Um estudo comparativo entre adultos dependentes e não dependentes da internet desenvolvido por Rahmani e Lavasani (2011) revelou que os participantes dependentes revelaram valores significativamente superiores de procura de sensações do que os não dependentes. Estes autores também concluíram que pessoas adictas, ou seja, pessoas dependentes e que apresentam um determinado grau de patologia, consequentemente apresentam um risco mais elevado, poderão apresentar correlações positivas e significativas entre a procura de sensações com níveis de emoção elevados, busca de aventura e altos níveis de desinibição; e uma correlação negativa e significativa entre a procura de sensações e a suscetibilidade ao tédio e baixa conscienciosidade.

4. Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas

O tema infidelidade é muitas vezes considerado polémico sendo capaz de desestruturar a solidez de uma relação e de uma família. A infidelidade passa pela quebra das regras mais elementares da relação com o dilacerar da confiança. Poderá incluir na relação entre duas pessoas, um terceiro elemento capaz de desestabilizar a vida do casal onde pelo menos uma das partes poderá sair afetada (Costa & Cenci, 2014; Barta & Kiene, 2005; Shackelford, Besser, & Goetz, 2008; Treas, & Giesen, 2000), uma vez que a quebra de um compromisso implícito, na maior parte das vezes não é esclarecido entre o casal, nomeadamente a questão de não ser infiel (Barta & Kiene, 2005). A infidelidade é uma das principais causas de divórcio (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Lalasz & Weigel, 2011; Shackelford, Besser, & Goetz, 2008; Zare, 2011) e violência entre casais (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Shackelford, Besser, & Goetz, 2008). Contudo o fenómeno da infidelidade parece ser algo usual nos casamentos mas pouco compreendido (Atkins, Baucom & Jacobson, 2001; Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Lalasz & Weigel, 2011).

A infidelidade é muitas vezes associada a algo imoral (Shackelford, Besser, & Goetz, 2008). Para Costa e Cenci (2014) a conceção de que as relações amorosas poderão ser breves, transitórias e com uma limitação temporal, começa a ser ideia cada vez mais comum.

Ainda assim, a esmagadora maioria dos casais (casados ou que coabitam) espera uma exclusividade recíproca na relação (Castro, Poeschl, & Coimbra, 2010; Costa & Cenci, 2014; Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Treas, & Giesen, 2000; Wade & Walsh, 2008), sexual e emocional (Lalasz & Weigel, 2011).

Gostar-se-ia de salientar que doravante quando se referir relação primária pretende-se destacar a relação matrimonial ou conjugal. Já a “*personagem*” extraconjugal representa uma terceira pessoa que não faz parte da relação primária.

As mudanças sociais e culturais, o desenvolvimento de comportamentos e atitudes de cariz individual, a alteração do papel da mulher na sociedade, entre outros fatores poderão estar associados ao enfraquecimento das relações conjugais. Um maior nível de exigência daquilo que é esperado do cônjuge na relação, a maturidade, o constante investimento, a procura da satisfação, revelaram-se fatores fundamentais na continuidade ou dissolução das relações, não significando por si uma desvalorização da relação mas uma afirmação da evolução das sociedades (Costa & Cenci, 2014).

Um dos primeiros investigadores a debruçar-se sobre este assunto foi Alfred Kinsey, tendo realizado a distinção entre infidelidade emocional e sexual (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 2003), onde, posteriormente, vários autores compartilham desta distinção (Barta & Kiene, 2005; Costa & Cenci, 2014; Glass & Wright, 1992; Paul, McManus & Hayes, 2000; Treas, & Giesen, 2000; Wade & Walsh, 2008). Mao e Raguram (2009), salientam a existência de três tipos de infidelidade, designadamente a infidelidade sexual, emocional e a ciberinfidelidade.

Para Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009), a infidelidade sexual ocorre quando um dos membros se envolve sexualmente fora da relação primária, com ou sem consentimento do outro membro da relação. Quanto à infidelidade emocional, esta materializa-se quando uma pessoa tem um (a) companheiro (a) e emprega o seu tempo, atenção, romantismo e afeto em prol de determinada pessoa que não pertence à relação primária.

Declaradamente, a infidelidade é encarada como um ato de violação da relação, quebrando-se as regras da conjugalidade caraterísticos de cada casal e que podem variar de acordo com questões de ordem social e cultural, passando pela quebra de expetativas de exclusividade (Lalasz & Weigel, 2011; Zare, 2011).

Importa salientar que a infidelidade é um conceito que pode variar de acordo com a cultura (Zare, 2011).

A infidelidade tem normalmente um cariz negativo (Costa & Cenci, 2014) e pode assumir diversas formas, tendo os avanços tecnológicos facilitado os relacionamentos extraconjugais, nomeadamente a existência de telemóveis, os relacionamentos e encontros realizados através de *sites* especializados, as redes sociais, o sexo virtual ou a pornografia, são apenas alguns exemplos (Mao & Raguram, 2009; Schneider, Weiss, & Samenow, 2012; Zare, 2011).

A literatura refere que os primeiros contactos através das redes sociais com o intuito de conhecer alguém, implicam inevitavelmente um envolvimento emocional. Esta forma de comunicação formaliza-se à distância, o que numa atmosfera de privacidade pode promover um vínculo emocional intenso. A relação pode florescer e estabelecer-se através da escrita, através do contacto visual (*webcam*), através de meios áudio, mesmo antes do contacto físico. Será importante salientar, que alguns destes contactos têm um intuito iminentemente sexual, motivo pelo qual estas relações espontâneas, rápidas e insípidas poderão envolver alguns riscos. Assim, as relações virtuais têm a capacidade de deteriorar e enfraquecer o relacionamento primário podendo tornar-se num foco de inquietação (Barta & Kiene, 2005).

No campo da intimidade sexual, a literatura refere como exemplo de infidelidade o contacto com um(a) profissional do sexo, ou um encontro de cariz sexual com alguém que não se conhece ou conhece mal (saída noturna). Salienta-se que a componente emocional nestes casos podem assumir níveis residuais. Muitas vezes o consumo de bebidas alcoólicas ou de substâncias ilícitas também podem estar envolvidos nestes contactos (Barta & Kiene, 2005).

Os contactos sexuais podem também assumir uma vertente de descoberta, de curiosidade, de novidade e variedade nas relações extraconjugais (Glass & Wright, 1992), sendo que as características das relações conjugais e das relações durante o namoro apresentam muitas semelhanças (Barta & Kiene, 2005).

Para Feldman e Cauffman (1999), pessoas que tenham tido muitos parceiros sexuais e pessoas demasiado permissivas tendem a ser infiéis. Estes autores salientam que os homens apresentam uma maior propensão para uma orientação sexual sem restrições do que as mulheres, o que os torna tendencialmente mais infiéis.

A literatura refere que o envolvimento em relações extramatrimoniais de cariz essencialmente sexual a sua duração é limitada (curta duração), e as pessoas que se envolvem

neste tipo de relacionamento falam muito pouco de si e da sua vida, enquanto o envolvimento emocional pode ter um período bastante alargado (por vezes de anos) e caracterizam-se por elevados níveis de confiança e autorrevelação, expondo e partilhando a sua vida matrimonial com o elemento fora da relação primária (Barta & Kiene, 2005).

De acordo com a Meta-análise realizada por Carpenter (2012), tanto os homens como as mulheres tendem a ficar mais perturbados com a infidelidade do tipo emocional do que com a infidelidade do tipo sexual, quando questionado qual o tipo de infidelidade mais angustiante.

Pessoas com baixa tolerância à frustração e narcisismo poderão assumir maior propensão para a infidelidade. Ao estudar o Big Five e a infidelidade, foram encontrados determinados traços como a abertura à experiência que facilitam a exposição ao que é novo, ao que não é convencional, a atividades desafiadoras, também baixos níveis de conscienciosidade, nomeadamente ao nível da dificuldade em seguir regras e manter rotinas se revelaram preditores de infidelidade. Foi identificada uma relação positiva e significativa entre a infidelidade e o neuroticismo, ou seja, pessoas com elevados níveis de neuroticismo apresentam uma menor propensão para experimentar a felicidade, são inseguros e impulsivos (Buss & Shackelford, 1997).

De acordo com Wade e Walsh (2008), existe uma maior propensão dos homens para se sentirem mais perturbados com uma infidelidade de âmbito sexual por parte da sua companheira, já as mulheres ficam mais inquietas e magoadas com a infidelidade emocional, explicando estes resultados com a forma como os homens e as mulheres encaram as relações, sendo que os homens poderão encarar a infidelidade sexual de uma forma mais cética devido à incerteza da paternidade. Já para as mulheres, a maternidade é indiscutível, e a sua sensibilidade poderá ser colocada em causa com a infidelidade emocional.

Um estudo desenvolvido junto de estudantes universitários revelou que quase metade dos estudantes do género masculino e um terço do género feminino afirmaram ter-se envolvido num encontro furtivo que terminou num relacionamento sexual. Destes, cerca de 1/4 encontravam-se numa relação amorosa estável e cerca de metade voltou a encontrar-se e a envolver-se sexualmente com este parceiro furtivo (Paul, McManus & Hayes, 2000).

Ao questionar cônjuges infieis Thompson (1984) concluiu que mais de metade dos homens e cerca de 2/3 das mulheres revelaram índices mais elevados de satisfação das necessidades emocionais e sexuais e maior compreensão por parte do parceiro(a) fora da

relação conjugal e mais de 40% afirmaram que em algum momento da sua vida tiveram pelo menos uma relação extraconjugal.

De acordo com Zare (2011), cerca de 10% dos casais envolveram-se em relações extraconjugais (12% homens e 7% mulheres). Ainda segundo este autor, uma investigação desenvolvida em Washington, verificou que a infidelidade tem tendência a aumentar à medida que as sociedades evoluem. Em 1991, a taxa de infidelidade nos homens com mais de 60 anos era de 20% e em 2006 passou a ser de 28%. Nas mulheres, na mesma faixa etária a tendência foi a mesma, em 1991 era de 5% e em 2006 passou para 15%.

Para Treas e Giesen (2000), entre 1,5% e 3,6% das pessoas casadas inquiridas afirmaram que tiveram um relacionamento extraconjugal durante o último ano.

Desta forma o sexo pode ser encarado como um preditor determinante e considerado uma motivação para a infidelidade. O desejo sexual e o envolvimento extraconjugal poderá ser o primeiro passo para o desmoronamento da relação, ou seja, pode denunciar que algo não está bem. É então um indicador de que poderão estar perante uma relação insatisfatória e que o companheiro(a) extraconjugal poderá estar mais atento às necessidades físicas e emocionais (Barta & Kiene, 2005).

Tendo em conta que a personalidade poderá desempenhar um papel importante em várias áreas da vida conjugal, nomeadamente na seleção de um parceiros ou a satisfação conjugal, também o ciúme poderá estar associado a determinadas características que poderão deteriorar uma relação, tais como a inveja, a elevados níveis de neuroticismo, ansiedade e desconforto social, rigidez, inflexibilidade, hostilidade e baixa autoestima (Wade & Walsh, 2008).

Alguns investigadores têm salientado as diferenças de género, afirmando que os homens nos encontros extraconjugais assumem uma matriz essencialmente sexual, já as mulheres revelam que os relacionamentos fora da relação apresentam um cariz maioritariamente emocional (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Barta & Kiene, 2005). Os homens também parecem ser os que primeiro procuram um relacionamento extraconjugal (Barta & Kiene, 2005).

Uma análise entre homens e mulheres revela que ambos os géneros apresentam justificações similares para os relacionamentos extraconjugais em termos sexuais (ligadas à diversão, curiosidade e novidade), intimidade emocional (ligada ao companheirismo, à compreensão e autoestima), fatores extrínsecos (ligados por exemplo à vingança) e romantismo/amor (ligado normalmente à pessoa fora da relação primária), contudo as

mulheres dão mais ênfase às justificações ligadas ao amor e aprovam menos justificações de índole sexual. Os homens por sua vez, também parecem realizar melhor a distinção entre amor e sexo. Já as participantes do género feminino acreditam que não possível separar o amor e o sexo e quando se apaixonam parece ser uma justificação plausível para o envolvimento sexual (Barta & Kiene, 2005; Glass & Wright, 1992).

Treas e Giesen (2000) salientam que se se controlarem algumas variáveis como interesses sexuais fortes, valores sexuais permissivos, insatisfação com o relacionamento conjugal, afastamento à rede social do(a) parceiro(a) ou oportunidades sexuais as diferenças entre géneros em termos de infidelidade deixam de ser significativas, contudo as questões raciais têm tendência a persistir no que respeita à infidelidade.

De acordo com Barta e Kiene (2005), determinados traços de personalidade podem ser descritores das necessidades específicas de cada pessoa. Tendo em conta que cada ser é “uno, único, singular, indivisível, irrepetível, idiossincrático, em cada contexto” (Silvestre, 2011, p.103) a sua propensão para a infidelidade também parece ser distinta e variar de pessoa para pessoa.

Algumas investigações têm estudado determinadas características da personalidade que poderão estar direta ou indiretamente relacionadas com a infidelidade. De acordo com Shackelford, Besser e Goetz (2008) a personalidade resulta de uma variação parcimoniosa entre cognição, afetividade e o comportamento humano. Buss e Shackelford (1997) ao estudarem alguns casais no seu primeiro ano de relacionamento, concluíram que a conscienciosidade, a satisfação conjugal e a religiosidade se encontram negativamente relacionadas com a infidelidade. Já fatores como a insatisfação sexual, a impulsividade, o consumo de álcool e drogas, a abertura à experiência, narcisismo, a ingenuidade se encontram positivamente correlacionados com a traição.

Em suma, quando se aborda um tema tão sensível como este, é necessário conjugar diversos fatores. A idiossincrasia de cada elemento do casal, poderá existir um terceiro elemento na relação, é necessário avaliar a dinâmica do casal, a forma como se relacionam, como comunicam ou como reagem às adversidades, analisando desta forma o contexto. As questões sociais e culturais também poderão ser um fator determinante a ter em consideração (Allen, et al, 2008; Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Buss & Shackelford, 1997; Costa & Cenci, 2014; Barta e Kiene 2005; Blow, & Hartnett, 2005; Dollahite & Lambert, 2007; Glass & Wright, 1992).

5. Motivações para a infidelidade

Para Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009), a infidelidade vista pelo prisma da pessoa que trai pode ser tida como algo agradável, um rejuvenescimento emocional que pode fornecer momentos frescos, vibrantes e de prazer, porém difícil de sustentar a longo prazo. Pode também proporcionar uma variedade de experiências sexuais. Através desta forma de vida algumas pessoas conseguiram combater a solidão, sentiram-se ouvidas e compreendidas, valorizadas, desejadas e atraentes.

Para além da componente sexual e emocional, a literatura refere algumas motivações para a infidelidade, entre as quais, o desejo de vingança ao descobrir o adultério, para aliviar o stress diário, para conseguir respeito e reconhecimento, para subir na hierarquia em termos laborais, para se sentir mais jovem, para se sentir acompanhado e compreendido, para ter uma estimulação intelectual e cognitiva, ou para aumentar os níveis de autoconfiança e autoestima (Barta & Kiene, 2005).

Segundo Castro, Poeschl e Coimbra (2010) as motivações para a infidelidade podem ser distinguidas em dois grupos: *motivos positivos* - tais como necessidade de nova experiência relacional, independência, desenvolvimento e crescimento individual; e *motivos de deficit* – relacionados com o não preenchimento pessoal e com a necessidade de algo mais na relação.

Quando o elemento do casal valoriza o matrimónio mas se sente traído, as situações de infidelidade são encaradas como um ato de deslealdade, um comportamento inaceitável, que pode levar à separação e em 40 a 60% dos casos conduzir à depressão (Cano & O’Leary, 2000).

A infidelidade pode também ser encarada como uma forma de vingança, em que um dos elementos do casal por ter contraído uma infeção ou doença sexualmente transmissível através do(a) companheiro (a) infiel, em resposta essa pessoa torna-se também ela parte da infidelidade (Hirsch, Higgins, Bentley & Nathanson, 2002). Podem ainda ser evidenciados sentimentos de raiva, culpa, medo, ciúme ou memórias intrusivas (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

Cano e O’Leary (2000) revelaram que de todos os eventos negativos possíveis, a infidelidade e a violência física são os acontecimentos que estão mais relacionados com o desenvolvimento de patologia do foro mental, nomeadamente a depressão, sensivelmente um mês após o evento.

Outras variáveis têm sido estudadas tais como formação académica, oportunidade para ser infiel, ou a religiosidade, contudo não se têm revelado significativas na questão da infidelidade (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005). Contudo, de acordo com alguns estudos variáveis como a religiosidade, a duração (em anos) do casamento, postura liberal do casal, se houve coabitação antes do laço matrimonial, a raça, se houve outros relacionamentos anteriores interrompidos, problemas de saúde mental, o contexto social, relações sexuais antes do casamento, ou oportunidades sexuais podem encontrar-se associadas ainda que moderadamente à infidelidade (Allen et al, 2008; Glass & Wright, 1992; Treas, & Giesen, 2000).

Zare (2011), fala da existência de vários tipos de infidelidade, entre os quais podem enquadrar-se: sexo casual, ligação emocional, relacionamento de longo prazo, relacionamento extraconjugal, relações sexuais, sexo oral, troca de beijos e carícias ou o surgimento de relacionamentos via internet.

Algumas investigações realizadas nos Estados Unidos têm revelado que um em cada cinco americanos foi infiel ao seu parceiro pelo menos uma vez na vida (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005). De acordo com Allen, Rhoades, Stanley, Markman, Williams, Melton, e Clements, (2008), cerca de 34% dos homens e 19% das mulheres já se envolveram em relações extramaritais. Um dos motivos avançados para o estabelecimento de relações extraconjugais prende-se com a insatisfação com a relação, apontando que os homens apresentam uma tendência superior para a infidelidade, contudo, a incidência parece estar fortemente relacionada com a idade de cada membro do casal (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Barta & Kiene, 2005).

De acordo com a teoria motivacional da infidelidade quer fatores situacionais quer os fatores ligados à idade poderão explicar de alguma forma a propensão para o adultério. Treas e Giesen (2000) salientam que se as pessoas tiveram oportunidades para serem infiéis sem que sejam descobertas parecem estar mais propensas a sê-lo. Já a idade parece ser um forte preditor da infidelidade, uma vez que com o aumento da idade as oportunidades para ser infiel também aumentam. A questão da infidelidade também pode implicar uma avaliação custo-benefício (Barta & Kiene, 2005).

Vários estudos apontam que a infidelidade é um dos principais motivos para o divórcio (Allen, et al, 2008; Barta & Kiene, 2005; Lalasz & Weigel, 2011). Barta e Kiene (2005) desenvolveram o tema infidelidade e investimento na relação. De acordo com os mesmos, a traição pode levar ao divórcio se as mulheres (traídas) entenderem que o

investimento que do seu companheiro na pessoa fora da relação marital é puramente emocional relegando para segundo plano a intimidade sexual. Por outro lado, quando é descoberta a infidelidade do género masculino os mesmos tendem a desculpar-se afirmando que o relacionamento foi ocasional, puramente físico, estando enquadrado numa intimidade sexual e a componente emocional ausente, o que de alguma forma poderá suavizar os efeitos da infidelidade na opinião dos mesmos. Todavia, alguns críticos desta visão afirmam que é muito difícil dissociar de uma forma tão simplista a componente sexual da emocional.

Várias áreas de investigação se têm dedicado a este estudo, tendo sido desenvolvidos alguns modelos que tentam explicar a infidelidade, dando especial relevo ao comportamento, às normas sociais e culturais ou ao contexto conjugal. A teoria da vinculação, por exemplo dá especial relevo a fatores pessoais internos, já a teoria social centraliza o seu foco na cultura e na socialização. O modelo que parece obter um maior consenso é o que incorpora no mesmo reduto o relacionamento interpessoal (*diathesis*) e o contextual (*stress*), que conjugados explicam melhor algumas questões ligadas à infidelidade, sendo assim considerado o modelo mais parcimonioso (Allen, et al, 2008).

Algumas investigações concluíram que a qualidade dos relacionamentos conjugais pode influenciar de forma determinante na propensão para a infidelidade. Casais que classificaram a sua relação como menos satisfatória apresentavam uma tendência mais elevada para a infidelidade (Allen, et al, 2008; Blow, & Hartnett, 2005).

Por outro lado, os elementos de um casal que tenham sido infiéis, poderão apresentar maiores índices de depressão, ansiedade e remorsos tendo a sua conduta consequências negativas que poderão repercutir-se diretamente na sua saúde e bem-estar (Allen, et al, 2008).

Como já se referiu, a religiosidade tem sido estudada e apontada como um fator passível de inibir a infidelidade, devido ao controlo e aos mecanismos menos permissivos (Dollahite & Lambert, 2007). Em contraciclo, os problemas de saúde mental são apontados como fatores desestabilizadores da relação podendo deixar as pessoas mais vulneráveis. Uma auto perceção disforme, baixos níveis de autoestima, autoconceito e autoimagem depreciativos poderão fazer com que a pessoa se envolva num relacionamento extraconjugal, com o intuito de se sentir valorizada e compreendida. Também os problemas de comunicação têm sido analisados como um forte preditor de desavenças conjugais e que poderá potenciar o divórcio (Lalasz & Weigel, 2011).

6. (In) Satisfação conjugal, procura de sensações e (in) fidelidade

O tema satisfação conjugal remete-nos para uma vertente positiva da conjugalidade, algo que dificilmente será atingível na sua plenitude tendo em conta que estamos a falar de pessoas, da sua imprevisibilidade e idiossincrasia (Silvestre, 2011). Neste sentido, também se deve estar ciente do outro lado, o campo da insatisfação conjugal, conceito que não é necessariamente contrário à satisfação. A avaliação da satisfação ou insatisfação remete-nos para um conceito plural e multidimensional, que parece ser uma consequência da vida em comum. Quer se esteja satisfeito ou não com a relação, certamente existirão áreas da vida que merecem uma atenção especial de cada um dos membros do casal (individualidade), e posteriormente essas mesmas áreas deverão ser consideradas na soma das individualidades (Castro, Poeschl & Coimbra, 2010; Zare, 2011).

Conceito de fidelidade e infidelidade está associado à maneira como é encarada a relação pelos elementos do casal, da comunicação, da cultura, do meio, ou seja, de um conjunto de argumentos, fatores e situações que poderão atribuir uma conotação positiva (fidelidade) ou menos positiva (infidelidade) à conjugalidade (Castro, Poeschl & Coimbra, 2010). De acordo com Olson, Russell, Kessler, e Miller (2002) a infidelidade pode ser vista como um estilo de vida e não encarada como algo negativo, dando como exemplo casais de “*swing*”². Apesar de à partida poder ser reprovável (ou não), a infidelidade existe na grande maioria das sociedades, e esta conduta pode repercutir-se no relacionamento interpessoal (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

Não sendo um fator exclusivo, a procura de sensações poderá ajudar a explicar alguns dos comportamentos e atitudes do ser humano. Assim, o modelo dos cinco fatores tem sido utilizado para descrever as interações entre duas personalidades, ou seja, as individualidades de cada membro do casal (Shackelford, Besser, & Goetz, 2008).

Hoyle, Fejfar e Miller (2000) referem que elevados níveis de agradabilidade e conscienciosidade se correlacionam de forma negativa com o risco sexual, ou seja, quanto maior for a agradabilidade e conscienciosidade, menor será a propensão para comportamentos sexuais de risco. Baixos níveis de agradabilidade correlacionam-se significativamente com o risco sexual, incluindo a existência de múltiplos parceiros. Baixos níveis de conscienciosidade

² O *swing* é descrito por Oliveira e Pocahy (2015) como “como prática que envolve relações eróticas-sexuais ‘fora’ do relacionamento (do contexto doméstico) e mediante o consentimento das partes envolvidas. Ambos os parceiros podem experimentar desejos das mais variadas formas, podendo configurar trios, casal com casal, composições eróticas e sexuais em grupo, troca ou não de parceiros.

estão associados a relações sexuais sem o uso de contraceção. Já a procura de sensações e a impulsividade parecem ser fortes preditores de risco sexual.

Em relação à procura de sensações a questão não se coloca primordialmente na infidelidade já que pessoas com estas características de personalidade valorizam a liberdade e não tanto o compromisso; apreciam a experimentação de novas situações (como álcool e drogas) e evitam rotinas; e a variedade de parceiros sexuais pode ser uma realidade daí existir um risco acrescido (Hoyle, Fejfar & Miller, 2000; Miller, Lynam, Zimmerman, Logan, Leukefeld & Clayton, 2004).

O estudo de Miller e colaboradores (2004) realça que comportamentos de manipulação e de engano estão fortemente associados à promiscuidade sexual, sendo considerados fortes preditores.

Baixos níveis de conscienciosidade e agradabilidade estão correlacionados de forma significativa com a infidelidade, pelo contrário elevados níveis de conscienciosidade e agradabilidade estão associados a relações de exclusividade (Lalasz & Weigel, 2011; Schmitt, & Buss, 2000). A infidelidade parece estar associada ao descontentamento com a relação conjugal, e à medida que a felicidade e a satisfação conjugal tendem a diminuir, aumenta a probabilidade de ocorrerem relacionamentos extraconjugais (Atkins, Baucom & Jacobson, 2001; Shackelford, Besser, & Goetz, 2008). Para além dos baixos níveis de agradabilidade e conscienciosidade, também a impulsividade e a incapacidade de retardar a gratificação são fortes preditores para a infidelidade, que parecem traduzir-se maioritariamente numa infidelidade sexual (Schmitt, & Buss, 2000).

Prins, Buunk e & VanYperen (1993) sugerem que a insatisfação conjugal aumenta o desejo de envolvimento em relações extraconjugais. De acordo com Glass e Wright (1985) qualquer que seja o tipo de relacionamento extraconjugal, nomeadamente a infidelidade emocional, sexual ou ambas, foi descoberta uma correlação negativa entre a satisfação conjugal e a infidelidade. Também concluíram que quer sejam homens ou mulheres, que se envolvam em relacionamentos extraconjugais cuja infidelidade seja simultaneamente sexual e emocional, se encontram mais insatisfeitos do que as pessoas envolvidas em infidelidade sexual ou infidelidade emocional.

Previti e Amato (2004) mencionam que a probabilidade estimada de infidelidade tanto pode ser causa como consequência da avaliação da satisfação conjugal. O estudo realizado com esposas de militares americanos que se encontravam destacados em missões de guerra, revelou que o tempo que estiveram destacados não apresentou um impacto estatisticamente

significativo na avaliação da satisfação conjugal, contudo, verificaram-se correlações significativas entre a probabilidade percebida da infidelidade conjugal quando comparadas com a confiança, o compromisso conjugal e a satisfação conjugal (McCray, 2015).

Na investigação desenvolvida por Brimhall, Wampler e Kimball (2008), cerca de 1/5 dos participantes tinham em relação ao divórcio um sentimento misto, quer de alívio, quer de pesar, sendo este processo doloroso. A totalidade dos participantes que voltaram a casar mencionou que a confiança no parceiro de relação foi ameaçada em algum momento, e a maioria das reações (físicas e emocionais) se deveram às memórias do relacionamento anterior. Concluíram que experiências passadas pouco satisfatórias e a história do relacionamento, algumas vezes traumático, têm um impacto relevante no estado físico, emocional e psicológico. Para Campbell, Simpson, Boldry e Rubin, (2010), a confiança no companheiro(a) depende muito das características do mesmo e não tanto nas experiências passadas.

Um estudo realizado com militares destacados para cenários de guerra revelou que a separação física do casal pode ser especialmente prejudicial para ambos se os mesmos não tiverem boas competências de comunicação. Mas salientam vários fatores que podem deteriorar um relacionamento e a confiança no seio do casal, tais como o descontrolo ou desacordo na gestão dos recursos financeiros, estilos de educação distintos em relação aos descendentes, existência de filhos de outras relações, a infidelidade sexual, infidelidade emocional, infidelidade sexual e emocional (McCray, 2015).

Um estudo realizado com cerca de 2000 casais revelou que a infidelidade sexual era o preditor mais significativo para conduzir a um divórcio (Amato & Rogers, 1997).

Van e Rijt e Buskens (2006) afirmam que os relacionamentos de curta duração têm assumido um papel cada vez mais relevante na sociedade contemporânea e têm rivalizado com os relacionamentos de longa duração. Estes autores mencionam ainda que as mulheres de militares teriam mais a perder do que os homens numa situação de divórcio, já que ainda subsiste a ideia que os militares devido à sua deslocalização deveriam ser o sustento da família e as mulheres ficaram incumbidas da gestão do lar, da gestão familiar (ascendentes e descendentes) e uma parte significativa não teria a uma atividade profissional formal. Logo numa situação de divórcio, as mulheres estariam numa situação de maior dependência financeira e emocional. Por outro lado mulheres com tantas responsabilidades domésticas poderão ser menos atrativas no mercado de trabalho e para os respetivos empregadores.

Atkins, Yi, Baucom e Christensen (2005) mencionam que cerca de ¼ dos americanos já foram infiéis, tendo pelo menos um encontro extraconjugal de âmbito sexual durante a sua vida.

Casais que não se sintam realizados, que se encontrem insatisfeitos na conjugalidade apresentam uma probabilidade mais elevada de ser infiéis, sendo que os homens apresentam uma probabilidade superior, contudo esta premissa parece estar fortemente associada à idade (Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001; Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005). A infidelidade no homem é essencialmente sexual, já a mulher a infidelidade é maioritariamente emocional (Glass & Wright, 1985; Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005). O nível de escolaridade, conscienciosidade, a religiosidade e a satisfação conjugal estão correlacionadas de forma negativa com a infidelidade, abertura à experiência, procura de sensações, impulsividade ou a ingenuidade social (Buss & Shackelford, 1997). Também o consumo exagerado de bebidas alcoólicas e a insatisfação sexual se correlacionam positivamente com a infidelidade.

O estudo desenvolvido por Atkins, Yi, Baucom e Christensen (2005), revelou que os homens tendem a ser o género que é mais infiel; os homens que mantêm um relacionamento extraconjugal, escolhem parceiras ligeiramente mais novas; os homens que tinham relacionamentos extraconjugais encontravam-se significativamente mais insatisfeitos sexualmente no seu casamento do que as mulheres nas mesmas condições; os homens que revelaram ser infiéis à sua companheira conjugal mostraram igualmente problemas associados ao consumo de álcool e drogas, valores que não foram detetados no caso das mulheres, sendo que o consumo destas substâncias os deixariam mais desinibidos e poderiam ser utilizados como desculpa; os membros dos casais que relataram ser infiéis classificaram a sua relação como menos satisfatória, argumentando que passavam pouco tempo juntos e esse tempo não era de qualidade, o que poderia potenciar uma separação e impactar de forma relevante em questões como a confiança ou a honestidade; também os participantes que revelaram ser infiéis pareciam estar mais focados em si e nas suas necessidades e desejos do que nas necessidades do parceiro conjugal.

O estudo desenvolvido por McCray (2015) com casais onde um dos membros é militar revelou uma correlação forte e negativa entre a probabilidade dos militares virem a envolver-se numa relação extraconjugal e a confiança, ou seja, quanto maior for a perceção que o marido possa vir a ser infiel menor será a confiança na relação, o que pode conduzir a níveis residuais de confiança e sentimentos de abandono. De acordo com Alt (2006) cerca de 70%

das esposas de militares que se encontravam destacados em missões acreditavam os mesmos apresentavam uma grande possibilidade de ser infiéis e apontava como indícios a duração da ausência, a falta de comunicação, o afastamento emocional, o stresse diário e a diminuição da interdependência.

Para Ficher, Zuckerman, e Steinberg (1988) a procura de sensações poderá estar relacionada com a variedade das experiências sexuais, nomeadamente em amostras de estudantes universitários e mulheres recém-casadas. Apesar da atitude e comportamento sexual não ser o único fator de seleção do parceiro é um ponto relevante. Mas a procura de sensações reflete-se igualmente na seleção de desportos a praticar, na religião e a sua prática, em preferências musicais ou na seleção de programas televisivos, na escolha das amizades. A diferença entre pessoas que apresentam baixos ou elevados níveis de procura de sensações reflete-se nos valores e crenças que foram incutidos e no afastamento ou proximidade de situações de risco.

O estudo realizado por Ficher, Zuckerman e Steinberg (1988) revelou uma maior congruência na dimensão procura de sensações entre casais bem ajustados e que se revelavam satisfeitos conjugalmente do que em casais com relacionamentos disfuncionais. Na dimensão suscetibilidade ao tédio, foi possível comparar os resultados de cada membro do casal. E de acordo com os autores era evidente que o relacionamento se poderia vir a tornar disfuncional quando um dos membros era pouco tolerante às rotinas, à monotonia e uniformidade enquanto outro tinha alta tolerância nestas questões. Nos casais disfuncionais, os homens revelaram valores significativamente superiores aos das mulheres em relação à procura de sensações. As mulheres de parceiros com elevados níveis de procura de sensações tinham uma maior probabilidade de vir a recorrer a terapia do que as esposas de homens com níveis baixos de procura de sensações. Nos casos em que a mulher apresentava níveis elevados de procura de sensações estavam vulgarmente associados a problemas de ereção, hipertensão e fraca qualidade das relações sexuais.

A baixa procura de sensações em ambos os membros do mesmo casal não deverá provocar constrangimentos e problemas, uma vez que a sua atitude em relação ao sexo deverá ser semelhante. Todavia, quando se verifica uma discrepância na procura de sensações no seio do casal, este poderá ser um fator gerador de conflitos, podendo a relação ser considerada insatisfatória e em último caso conduzir à separação. A insatisfação pode não se traduzir apenas a nível sexual, mas em outras áreas da vida conjugal. A predisposição para um primeiro contacto terapêutico nos homens pode dever-se à insatisfação a nível sexual, já nas

mulheres a procura de ajuda pode realizar-se devido à insatisfação conjugal na generalidade (Ficher, Zuckerman & Steinberg, 1988).

A procura de sensações revelou-se como uma variável preditora de relações pré-matrimoniais e extraconjugais, sendo definida como:

“la necesidad de tener experiencias nuevas, variadas, complejas e intensas; es el deseo de arriesgarse tanto a nivel físico, social, legal y financiero con el fin de obtenerlas. Las personas buscadoras de sensaciones se sienten atraídas por los grupos que comparten sus propios valores y filosofía. Estas personas valoran la recompensa del riesgo; son susceptibles al aburrimiento; tienden a tener menos compromiso en sus relaciones; están más interesadas en las gratificaciones inmediatas y están interesadas en tener actividades sexuales variadas con diferentes compañeros/as sexuales”³ (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009, p.63).

Pessoas com elevados níveis de procura de sensações tendem a assumir mais riscos sexuais, com a partilha de experiências com múltiplos parceiros, ter relações sexuais desprotegidas e ter experiências sexuais com desconhecidos (Bancroft, Janssen, Carnes, Goodrich, Strong & Long, 2004).

A procura de sensações e de emoções fortes pode fazer com que os elementos do casal procurem fora da relação formal algo como excitação ou companhia, um complemento e que não obtêm na relação conjugal. Participantes com elevados níveis de procura de sensações, revelaram que o risco associado à infidelidade e mais propriamente a ser descoberto lhe proporcionava prazer, excitação, emoção e sentido de aventura (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na procura de sensações, quando comparados os grupos de pessoas fiéis e infiéis. As pessoas que mencionaram ser infiéis identificaram maior necessidade de procurar e experimentar sensações novas, sendo estas mais variadas e intensas; eram mais suscetíveis a tédio, mostrando maior tendência para a gratificação imediata e revelaram maior desinibição a nível sexual (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

Os homens envolvem-se mais em relações sexuais extraconjugais procurando a variedade e a concretização de fantasias do que as mulheres, assegurando os homens a reprodução genética. Apesar dos tempos de mudança, do ponto de vista social os homens

³ Tradução Livre: “A necessidade de ter experiências novas, variadas, complexas e intensas; é o desejo de arriscar tanto a nível físico, social, jurídico e financeiro a fim de obtê-los. As pessoas que procuram sensações sentem-se atraídas por grupos que partilham dos mesmos valores e filosofia. Estas pessoas valorizam a recompensa do risco; são suscetíveis ao tédio; tendem a comprometerem-se menos nos seus relacionamentos; estão mais interessados em gratificações imediatas e estão interessados em ter atividades sexuais variadas com diferentes companheiros(as)”

ainda parecem ter mais liberdade para sair, pelo menos em algumas culturas, o que lhe pode proporcionar um mundo de aventuras sexuais mais vasto (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

Relativamente à infidelidade sexual e emocional, não foram encontradas diferenças significativas em relação ao género, o que poderá indicar que tanto o fator sexual como emocional poderão ser determinantes na infidelidade (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

O estudo realizado por Allen, et al. (2005) salientou que quer na Europa, quer América do Norte anualmente cerca de 4% de pessoas casadas poderão envolver-se sexualmente em relacionamentos extraconjugais

No estudo desenvolvido por Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009) concluíram que as pessoas que não acreditam na exclusividade sexual nas relações efetivas, estão mais vulneráveis à infidelidade, assim como, os problemas de comunicação, rotinas, a insatisfação conjugal ou o desamor encontravam-se associados à infidelidade.

Desta forma relembra-se que presente investigação pretende contribuir para a compreensão dos fatores ligados à conjugalidade dos casais em estudo, através do estudo das dimensões satisfação conjugal, procura de sensações e motivações para a infidelidade.

Neste sentido foram formuladas as seguintes hipóteses (H):

- (H1) - É esperado que os homens sejam significativamente mais infiéis do que as mulheres, no relacionamento atual;
- (H2) - É esperado que a infidelidade física/sexual seja superior nos homens, e a infidelidade emocional seja superior nas mulheres;
- (H3) - É esperado que os participantes que ponderam vir a ser infiéis ao/à seu/sua companheiro(a) de relação (se tivessem a certeza que não seriam apanhados) apresentem índices significativamente superiores de procura de sensações;
- (H4) - É esperado que pessoas com elevados níveis de procura de sensações (SS) apresentem níveis significativamente mais elevados de motivações para a infidelidade (insatisfação, negligência, sexuais e raiva) do que pessoas com baixos níveis de procura de sensações.

CAPÍTULO II – Método

1. Participantes

Foi recolhida uma amostra de conveniência, constituída por 243 adultos. Os participantes deveriam cumprir pelo menos dois critérios de seleção: encontrar-se numa situação de conjugalidade heterossexual e com um relacionamento de pelo menos 2 anos. A maioria dos participantes era do género feminino (n= 133; 54.7%), casado (n=134; 55.1%), português (n=242; 99.6%), com formação académica ao nível do secundário (n=88; 36.2%), encontrando-se empregado (n=201; 82.7%), com filhos (n=154; 63.4%), dos quais a maioria dos descendentes eram resultado da união/casamento atual (n=116; 80%).

O grupo de pessoas com maior propensão para ser infiel foi o grupo dos adultos (dos 20 aos 60 anos) (n=208; 85.6%). A maioria dos participantes afirmou que mesmo que tivessem a certeza que a sua infidelidade não era descoberta não o seriam (n=165; 67.9%). A maioria dos participantes não se revê nas motivações apresentadas (n=127, 52.3%). Como segunda opção a mais escolhida foi “para ter uma experiência sexual diferente” (n=63; 25.9%).

Os participantes apresentaram em média 41.22 anos de idade (DP=11.60), compreendidas entre os 22 e os 79 anos. Na tabela 1, 2 e 3 são apresentados os dados sociodemográficos dos participantes.

Tabela 1. Caracterização da amostra – Género, estado civil e nacionalidade

	N	%
<i>Género</i>		
Masculino	110	45.3
Feminino	133	54.7
<i>Estado Civil</i>		
Solteiro(a)	6	2.5
União de facto	99	40.8
Casado (a)/	134	55.1
Viúvo (a)	1	0.4
Divorciado(a)/ Separado(a)	3	1.2
<i>Nacionalidade</i>		
Portuguesa	242	99.6
Outra	1	0.4

Legenda: N – Frequência absoluta; % - Frequência relativa

Tabela 2. Caracterização da amostra – Formação académica, situação laboral, grupo com maior tendência para a infidelidade, possibilidade de ser infiel sem ser descoberto

	N	%
<i>Formação académica</i>		
1.º Ciclo (até 4.º ano)	2	0.8
2.º Ciclo (até 6.º ano)	8	3.3
3.º Ciclo (até 9.º ano)	15	6.2
Secundário	88	36.2
Frequência académica	15	6.2
Licenciatura	75	30.9
Mestrado/Doutoramento	40	16.5
<i>Situação laboral</i>		
Empregado(a)	201	82.7
Desempregado (a)	20	8.2
Reformado (a)	11	4.5
Trabalhador/Estudante	11	4.5
<i>Tem filhos</i>		
Sim	154	63.4
Não	89	36.6
<i>Se respondeu sim</i>		
Filho(s) e uma união anterior	25	17.2
Filho(s) da presente união	116	80.0
Filho(s) de ambas as relações	4	2.8
<i>Grupo com maior tendência para a infidelidade</i>		
Adolescentes	25	10.3
Adultos (20 aos 60 anos)	208	85.6
Mais de 60 anos	10	4.1
<i>Se tivesse a certeza que não era descoberto, considera que poderia vir a ser infiel?</i>		
Sim	78	32.1
Não	165	67.9

Legenda: N – Frequência absoluta; % - Frequência relativa

Tabela 3. Caracterização da amostra – Motivações para a infidelidade e idade

	N	%
<i>Motivações para ser infiel</i>		
Desejo de vingança contra o(a) parceiro(a)	5	2.1
Para aliviar o tédio	5	2.1
Ganhar respeito e reconhecimento	2	0.8
Para me sentir jovem	4	1.6
Para me sentir compreendido	1	0.4
Para ter companhia	3	1.2
Para aumentar a autoestima e autoconfiança	19	7.8
Estimulação intelectual	3	1.2
Para ter uma experiência sexual diferente	63	25.9
Para me envolver emocionalmente com uma pessoa diferente	11	4.5
Não me revejo nestas opções	127	52.3
	<i>M</i>	<i>DP</i>
<i>Idade</i>	41.22	11.60
	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>
	22	79

Legenda: N – Frequência absoluta; % - Frequência relativa; M – Média; DP – Desvio padrão; Min. – Mínimo; Máx. - Máximo

2. Instrumentos

O protocolo de investigação é constituído por um questionário sócio demográfico e três escalas que avaliam as variáveis em causa neste estudo, nomeadamente a satisfação conjugal, a procura de sensações e as motivações para a infidelidade.

O questionário sociodemográfico foi criado propositadamente para este estudo e contempla questões como género, idade, nacionalidade, formação académica, estado civil, situação profissional, profissão, existência de filhos, fruto da relação atual ou de relações anteriores, existência de doença física ou mental, grupo com maior tendência para a infidelidade, ponderação em relação a ser infiel e razões para a infidelidade.

Os dados sociodemográficos tinham a finalidade de caraterizar a amostra. A terceira e última parte constituída pelos instrumentos. Foram utilizados os instrumentos: a) Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal (EASAVIC); b) *Sensation-Seeking Scale – V*; c) *Motivations for Infidelity Inventory* (MII). Em seguida será apresentada uma breve explicação de cada um dos instrumentos.

a) *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal* (EASAVIC)

A satisfação conjugal foi avaliada pela Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), tendo sido desenvolvida pelas autoras Isabel Narciso e Maria

Emília Costa em 1996. Esta escala é um instrumento de autoavaliação e tem o intuito de explorar e compreender várias áreas da vida conjugal e da sua (in) satisfação.

A escala é composta por 44 itens que se subdividem em duas grandes áreas da vida conjugal: funcionamento do casal e amor. Cada uma destas áreas é composta por cinco dimensões. A área funcionamento conjugal (FC) é constituída por 18 itens e apresenta as seguintes dimensões: funções familiares (FF – itens 1, 2, 3 e 4), tempos livres (TL – itens 5 e 6), autonomia (AUT – itens 10 e 11), relações extrafamiliares (REF – itens 7, 8, 9, 12 e 13) e comunicação e conflitos (CC – itens 14, 15, 16, 17 e 18). A área amor (AMO) é constituída por 26 itens e apresenta as seguintes dimensões: sentimentos e expressão de sentimentos (SES – itens 19, 20, 21, 22, 33 e 34), sexualidade (SEX – itens 23, 24, 25, 26, 27 e 28), intimidade emocional (IE – itens 29, 30, 31, 32, 35, 36 e 37), continuidade (C – itens 38, 39 e 40) e características físicas e psicológicas (CFP – itens 41, 42, 43 e 44).

Dos 44 itens, 16 estão direcionados para a vida de casal (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 35 e 38), 14 representam a perspetiva do respondente (9, 10, 12, 19, 21, 23, 26, 29, 31, 33, 36, 39, 41 e 43) e os restantes (14) o foco é colocado no outro membro do casal (8, 11, 13, 20, 22, 24, 27, 30, 32, 34, 37, 40, 42 e 44) (Narciso & Costa, 1996).

O formato de resposta é do tipo Likert de seis pontos onde é manifestada a satisfação ou insatisfação com a vida conjugal. As possibilidades de resposta são: 1 - Nada satisfeito; 2 - Pouco satisfeito; 3 - Razoavelmente satisfeito; 4 - Satisfeito; 5 - Muito satisfeito; 6 - Completamente satisfeito.

Na área do funcionamento conjugal, a dimensão funções familiares (FF) varia entre 4 e 24, a dimensão tempos livres (TL) varia entre 2 e 12, a autonomia (AUT) varia entre 2 e 12, relações extrafamiliares (REF) varia entre 5 e 30 e comunicação e conflitos (CC) varia entre 5 e 30. Na área do amor, a dimensão sentimentos e expressão de sentimentos (SES) varia entre 6 e 36, sexualidade (SEX) varia entre 6 e 36, intimidade emocional (IE) varia entre 7 e 42, continuidade (C) varia entre 3 e 18 e características físicas e psicológicas (CFP) varia entre 4 e 24. Quanto maiores forem os valores em cada dimensão maior será a identificação e satisfação do participante.

No que respeita às características psicométricas, a análise fatorial revelou dois grandes fatores: o primeiro designado por amor e o segundo nomeado de funcionamento do casal. A correlação entre cada item e o respetivo fator foi $>.52$, à exceção dos itens 6, 9, 14, 15 e 31 que se mostraram inferiores (Narciso & Costa, 1996). Relativamente às correlações o estudo psicométrico revelou que as correlações entre as várias áreas e o resultado global eram

superiores a .60, mostrando-se as associações da dimensão amor mais fortes do que a dimensão funcionamento de casal. Foi obtida uma associação forte ($r=.79$) entre as dimensões amor e funcionamento do casal.

A correlação entre EASVIC e a escala de Satisfação Global de Glenn e Weaver (ESGGW) apresentou um valor forte, negativo e significativo ($r=-.76$; $p<.50$), uma vez que a escala ESGGW apresenta itens invertidos.

A EASAVIC apresentou na escala original valores da consistência interna para a área do funcionamento do casal ($\alpha_{cronbach}=.90$) e amor ($\alpha_{cronbach}=.97$) considerados muito consistentes, tendo sido obtidos valores de $\alpha_{cronbach}$ bastante elevados ($\geq .90$). Na presente investigação a consistência interna mostrou uma elevada fiabilidade. A dimensão funcionamento do casal global apresenta uma consistência interna de .93; a dimensão amor global apresenta um alfa de Cronbach de .97 e a dimensão satisfação conjugal global um $\alpha_{cronbach}$ de .97.

b) Sensation-Seeking Scale - V (SSS - V)

A procura de sensações foi avaliada através da escala *Sensation-Seeking Scale* (SSS). Esta escala é denominada em português como Escala de Procura de Sensações (EPS). Foi desenvolvida inicialmente por Zuckerman, Kolin, Prince e Zoob (1964), tendo como objetivo principal avaliar o nível de estimulação ótimo (*optimal stimulation level*), propondo-se a prever respostas numa situação experimental de privação sensorial. Assim a escala refletia uma reação positiva e tinha a ambição de estimular e impelir os participantes a experimentar situações novas.

Esta escala foi desenvolvida para analisar traços de personalidade e emoções que estejam associados à procura de novas sensações e experiências. Das inúmeras sugestões e alterações surge a SSS – V desenvolvida por Zuckerman, Eysenck, e Eysenck, (1978). Estes autores realizaram um estudo transcultural, com uma amostra americana e uma amostra inglesa. Neste estudo compararam ainda a versão SSS-IV com a versão SSS-V.

Assim, a escala SSS - V pretende contribuir para a compreensão das tomadas de decisão que impliquem preferências de risco e os constructos ligados à personalidade.

A escala SSS – V é constituída por 40 itens, sendo que cada item apresenta apenas duas possibilidades de resposta, identificadas com a letra A e B. As possibilidades de resposta são designadas de escolha forçada, o que significa que apesar do respondente não se rever na

integra em cada uma das opções apresentadas, deverá escolher a que poderá estar mais próxima da sua maneira de pensar, de agir ou sentir.

A escala SSS – V divide-se em quatro dimensões: a primeira dimensão é designada por *Procura de Emoção e Aventura* (PEA), originalmente designada por *Thrill and Adventure Seeking* (TAS), encontra-se associada a práticas desportivas ou outras atividades que envolvam perigo como por exemplo a velocidade. A segunda dimensão é definida como *Procura de Experiências* (PE), originalmente *Experienece Seeking* (ES), e representa a procura de sensações e experiências que apelem à mente e aos sentidos, tais como viagens, conhecer novos povos e novas culturas e estilo de vida fora do que possa ser considerado tradicional para determinada cultura ou sociedade. A terceira dimensão foi nomeada de *Desinibição* (DES), originalmente nomeada *Disinhibition* (DIS), onde o à vontade e a falta de preocupações parecem ser preponderantes nestas pessoas, quer a nível social com a participação em festas e a ingestão de bebidas alcoólicas e consumo de drogas, quer a nível sexual com uma multiplicidade de parceiros. A quarta dimensão é nomeada de *Suscetibilidade ao Tédio* (ST), originalmente *Boredom Susceptibility* (BS), caracteriza-se pela dificuldade de assumir rotinas, não apreciam atividades repetitivas, demonstram algum desagrado com pessoas cansativas e conversas desinteressantes.

Cada dimensão é composta por 10 itens. A dimensão PEA é composta pelos itens: 3, 11, 16, 17, 20, 21, 23, 28, 38 e 40; a dimensão PE é composta pelos itens: 4, 6, 9, 10, 14, 18, 19, 22, 26 e 37. A dimensão DES é composta pelos itens: 1, 12, 13, 25, 29, 30, 32, 33, 35 e 36; e a dimensão ST é composta pelos itens: 2, 5, 7, 8, 15, 24, 27, 31, 34 e 39.

Se os participantes nos itens 1, 3, 5, 6, 8, 9, 14, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 28, 29, 32, 34, 36 e 39, responderem A, deverá ser atribuído um ponto e se responderem B a estes itens deverá ser atribuído zero pontos. Nos itens 2, 4, 7, 10, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 35, 37, 38 e 40, se os participantes responderem A deverá ser atribuído zero pontos e se responderem B deverá ser atribuído um ponto, ou seja, são considerados itens invertidos. Quanto maior for a pontuação em cada uma das dimensões maior será a procura de sensações e maior será o nível dessa mesma dimensão. Cada uma das dimensões poderá variar entre 0 e 10 pontos.

Ao analisar as propriedades psicométricas da escala, verificaram-se bons índices de confiabilidade (elevados e significativos na generalidade). Os coeficientes de fiabilidade mostraram elevados para as dimensões PEA, PE e DES excedendo os 0.60, tanto na amostra americana como na amostra inglesa. Já os valores para a dimensão ST não foram tão claros.

Apesar dos valores na comparação entre homens e mulheres ingleses se tenham mostrado aceitáveis, não detetaram uma relação consistente entre homens e mulheres americanos com um valor fraco (<0.40). Na análise das correlações entre dimensões verificou-se que os fatores PE, DES e ST revelaram correlações mais baixas comparativamente com a SSS-IV. A fator PEA manteve o nível de correlação com PE, mas as correlações entre PEA e as DES e ST revelaram-se muito baixas e em alguns casos insignificantes. Comparativamente à versão anterior, na Escala SSS – V era esperado que a consistência interna baixa-se um pouco em virtude das dimensões serem constituídas por menos itens.

Na escala original os valores de *Alpha de Cronbach* mostraram uma consistência interna aceitável em todas as dimensões. A queda mais acentuada registou-se na dimensão PE que na versão anterior registava valores entre 0.7 e 0.8, e na versão SSS – V, apresenta valores entre 0.61 e 0.65.

Na versão SSS – V, a dimensão PEA revelou valores entre 0.77 e 0.82; a dimensão PE revelou valores que variaram entre .61 e .67; DIS revelou valores entre 0.74 e 0.78; a dimensão ST revelou valores entre 0.56 e 0.65 e a procura de sensações global variou entre .83 e .86.

No presente estudo a dimensão PEA revelou um alfa de cronbach de .79; a dimensão PE revelou um alfa de cronbach de .55; DES revelou um alfa de cronbach de .77; a dimensão ST revelou um alfa de cronbach de .51 e a procura de sensações global apresentou um alfa de cronbach de .81.

c) *Motivations for Infidelity Inventory* (MII)

As motivações para a infidelidade foram avaliadas através da medida *Motivations for Infidelity Inventory* (MII) que em português é traduzida como o Inventário de Motivações para a Infidelidade (IMI). Esta medida foi desenvolvida por William Barta e Susan Kiene em 2005. O MII é um inventário de autoavaliação que tem o objetivo que analisar os motivos que podem levar alguém a ser infiel.

A escala original era composta por 27 itens, mais duas questões iniciais de escolha múltipla. A primeira questionava o respondente se na relação atual ou anterior, havia estabelecido algum acordo com o seu companheiro para não se envolverem com mais ninguém, solicitando uma resposta dicotómica (sim ou não). A segunda questionava se teria existido algum relacionamento extraconjugal, apresentando quatro possibilidades de resposta

(sim, emocionalmente; sim, fisicamente; sim, emocionalmente e fisicamente; não) (Barta, & Kiene, 2005).

Após realizarem uma análise fatorial verificaram que apenas 19 dos itens preenchiem o critérios de pontuação ≥ 30 , organizando-se em quatro fatores. Posteriormente, realizaram uma análise fatorial confirmatória e concluíram que no primeiro modelo a ajuste era pobre no conjunto dos 19 itens. Eliminaram mais 3 itens após analisarem a matriz das covariâncias, tendo chegado a uma solução de 16 itens (mais as duas questões iniciais).

Do MII surgiram então quatro dimensões: a dimensão insatisfação (*dissatisfaction*) constituída pelos itens: 7, 8, 10, 16 e 17; dimensão negligência (*neglect*) constituída pelos itens: 4, 13, 15 e 18; a dimensão sexual (*sex*) constituída pelos itens: 3, 5, 9 e 12; e a dimensão raiva (*anger*) constituída pelos itens: 6, 11 e 14.

O conjunto de questões surge da revisão da literatura, e de acordo com Barta e Kiene (2005), questões como ser bom ouvinte, instabilidade emocional, satisfação com os comportamentos e atitudes do companheiro conjugal foram alguns dos atributos tidos em consideração na estruturação do questionário. Tiveram ainda em consideração três premissas: qualidades positivas demonstradas pelo companheiro extraconjugal; qualidades menos positivas do companheiro conjugal; e as necessidades pessoais do participante. Todos os restantes (16) itens apresentaram possibilidade de resposta numa escala tipo Likert de sete pontos que variaram entre 1 (nunca seria uma opção) e 7 (Seria uma razão muito provável).

Em relação à dimensão insatisfação os valores variam entre 5 e 35; na dimensão negligência e dimensão sexual os valores variam entre 4 e 28 e na dimensão raiva os valores variam entre 3 e 21.

É de realçar que no presente estudo foi adicionada uma questão designada no protocolo de investigação por 2B. A escala original questiona se respondente se envolveu com outra pessoa num relacionamento anterior. Por se achar pertinente, elaborou-se e adicionou-se esta nova questão colocando o foco no presente, ou seja, se durante o relacionamento atual o participante se envolveu com outra pessoa.

O estudo da fiabilidade na escala original, a dimensão insatisfação obteve valores de Alfa de Cronbah de .77; a dimensão negligência obteve valores de Alfa de Cronbah de .81; a dimensão sexual obteve valores de Alfa de Cronbah de .75 e a dimensão raiva obteve valores de Alfa de Cronbah de .79.

Quanto à consistência interna no presente estudo, a dimensão insatisfação apresentou um Alfa de Cronbach de .86; a dimensão negligência apresentou um Alfa de Cronbach de .90;

a dimensão sexual apresentou um Alfa de Cronbach de .84 e a a dimensão raiva apresentou um Alfa de Cronbach de .80.

3. Procedimento

O protocolo de investigação (anexo I) foi inicialmente aplicado em suporte físico (papel) a 16 adultos que cumpriam os critérios de inclusão na amostra, no sentido de avaliar a compreensão de conceitos e se o mesmo necessitaria de alguma correção, tendo-se mostrado ajustado. Posteriormente, foi o protocolo de investigação disponibilizado em suporte digital (método *e-survey*).

Previamente ao preenchimento do protocolo, todos os participantes (quer os que preencheram em papel, quer em formato digital) leram o consentimento informado, no qual consta toda a informação sobre os objetivos e condições do estudo.

A recolha da informação ocorreu entre Abril e Setembro de 2015.

Foram eliminados 5 questionários por se encontrarem preenchidos de forma incorreta ou incompletos. O preenchimento do protocolo demorou em média 12 minutos a responder.

Através do método *e-survey*, foi elaborada uma base de dados numa folha de cálculo em Excel. Esta informação foi então exportada para o programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão *IBM Statistic*.

CAPÍTULO III – Resultados

1. Comparação de ser infiel e motivações para a infidelidade em função do género

Na tabela 4, são apresentados os seguintes resultados.

Tabela 4 - Comparação da hipótese de ser infiel e motivações para a infidelidade, em função do género

	Género				<i>X</i>	<i>Sig.</i>
	Masculino		Feminino			
	N	%	N	%		
<i>Se tivesse a certeza que não era descoberto,</i>						
<i>considera que poderia vir a ser infiel?</i>						14.28 .000
Sim	49	44.5	29	21.8		
Não	61	55.5	104	78.2		
<i>Motivações para ser infiel</i>						44.77 .000
Desejo de vingança contra o(a) parceiro(a)	4	3.6	1	0.8		
Para aliviar o tédio	2	1.8	3	2.3		
Ganhar respeito e reconhecimento	0	0.0	2	1.5		
Para me sentir jovem	2	1.8	2	1.5		
Para me sentir compreendido	0	0.0	1	0.8		
Para ter companhia	0	0.0	3	2.3		
Para aumentar a autoestima e autoconfiança	10	9.1	9	6.8		
Estimulação intelectual	0	0.0	3	2.3		
Para ter uma experiência sexual diferente	48	43.6	15	11.3		
Para me envolver emocionalmente com uma						
pessoa diferente	4	3.6	7	5.3		
Não me revejo nestas opções	40	36.4	87	65.4		

Legenda: N – Frequência absoluta; % - Frequência relativa; χ^2 - Teste Chi-Square; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

Quando questionados se tivessem a certeza de que não seriam descobertos, se considerariam a hipótese de ser infiéis, cerca de 44.5% ($n=49$) dos respondentes do género masculino responderam afirmativamente, já as participantes do género feminino apenas 21.8% considerariam essa hipótese, sendo estas diferenças significativas [$\chi^2(1)=14.28$; $p=.000$]. Em termos de motivações para a infidelidade, cerca de 1/3 ($n=40$; 36.4%) da amostra

masculina e 2/3 (n=87; 65.4%) da população feminina não se reveem nas possibilidades apresentadas. Salienta-se que 43.6% (n=48) dos homens e 11.3% (n=15) das mulheres, uma das principais motivações para a infidelidade é ter uma experiência sexual diferente. Estas diferenças mostraram-se significativas [$\chi(10)= 44.77$; $p= .000$] (tabela 4).

2. Diferenças entre géneros

Relativamente à escala de Avaliação da Satisfação com a Vida Conjugal, na área funcionamento do casal verificou-se que os valores dos participantes do género masculino são significativamente superiores aos do género feminino nas dimensões funções familiares [$t(234.92)= 4.30$; $p=.000$]; relações extrafamiliares [$t(239.05)= 2.26$; $p=.024$] e comunicação e conflitos [$t(235.67)= 2.85$; $p=.005$]. Na área do amor, registou-se a mesma tendência, os homens apresentaram valores significativamente mais elevados de sentimentos e expressão de sentimentos [$t(235.76)= 2.53$; $p=.015$]; continuidade [$t(227.22)= 2.92$; $p=.004$] e características físicas e psicológicas [$t(240.95)= 2.86$; $p=.023$] do que as mulheres. Os homens mostraram níveis significativamente mais elevados de satisfação conjugal na área de funcionamento global [$t(235.78)= 3.04$; $p=.003$], na área do amor global [$t(238.61)= 2.35$; $p=.019$] e satisfação conjugal global [$t(238.17)= 2.87$; $p=.004$] quando comparados com as mulheres. No que se refere à escala Procura de Sensações, a tendência repete-se, ou seja, os homens apresentaram níveis mais elevados de Procura de Emoções e Aventura [$t(241)= 3.51$; $p=.001$] e Desinibição [$t(241)= 3.06$; $p=.002$] do que as mulheres. O mesmo cenário é identificado no que se refere à Procura de Sensações Total [$t(241)= 2.10$; $p=.037$]. A mesma propensão foi identificada na Escala Motivações para a Infidelidade, onde os homens voltaram a registar níveis significativamente mais elevados em termos sexuais [$t(212.47)= 5.06$; $p=.000$] e de raiva [$t(220.15)= 3.08$; $p=.002$], comparativamente com as participantes dos género feminino (tabela 5).

Tabela 5 - Comparação de médias das dimensões em estudo, em função do género

	Género				<i>t</i>	<i>Sig.</i>
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
<i>Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal (EASAVIC)</i>						
- funcionamento do casal (área) - Global	49.62	7.22	46.21	10.18	3.04	.003
- funções familiares (FF)	17.99	3.01	15.96	4.30	4.30	.000
- tempos livres (TL)	7.63	1.65	7.34	2.27	1.14	.254
- autonomia (AUT)	9.14	1.70	8.84	2.28	1.14	.253
- relações extrafamiliares (REF)	22.21	3.70	20.95	4.90	2.26	.024
- comunicação e conflitos (CC)	22.16	4.17	20.32	5.89	2.85	.005
- Amor (área) - Global	92.54	14.54	87.39	19.48	2.35	.019
- Sentimentos e expressão sentimentos (SES)	29.67	4.53	27.89	6.39	2.53	.015
- Sexualidade (SEX)	27.52	6.23	26.23	6.70	1.53	.126
- Intimidade emocional (IE)	32.76	5.36	31.23	7.10	1.91	.057
- Continuidade (C)	14.43	2.56	13.18	4.02	2.92	.004
- Características físicas/ psicológicas (CFP)	18.78	2.56	17.68	4.10	2.86	.023
- Satisfação Conjugal Global	95.90	13.76	89.91	18.61	2.87	.004
<i>Procura de sensações</i>						
- Procura de Emoção e Aventura (PEA)	5.95	2.97	4.68	2.64	3.51	.001
- Procura de Experiências (PE)	5.27	1.77	5.61	1.88	-1.42	.156
- Desinibição (DES)	4.02	2.61	3.02	2.47	3.06	.002
- Suscetibilidade ao Tédio (ST)	2.72	1.59	2.95	1.86	-1.03	.304
- Procura de sensações TOTAL (SS)	17.96	6.77	16.25	5.89	2.10	.037
<i>Motivações para a infidelidade</i>						
- Insatisfação	15.64	8.80	14.81	8.86	.73	.465
- Negligência	13.26	7.09	11.81	7.57	1.52	.129
- Sexual	14.24	7.43	9.74	6.20	5.06	.000
- Raiva	7.97	5.03	6.06	4.46	3.08	.002

Legenda: *t* - T- Test; * $p < .05$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

Tabela 6 - Comparação da infidelidade (na atualidade) em função do género, perspetiva global

	Género				χ	Sig.
	Masculino		Feminino			
	N	%	N	%		
<i>Infidelidade(atualidade)</i>					16.49	.000
- Sim	48	43.6	26	19.5		
- Não	62	56.4	107	80.5		

Legenda: N – Freq. absoluta; % - Freq relativa; χ - Teste Chi-Square; * $p < .05$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

Tabela 7 - Comparação infidelidade durante um relacionamento anterior e atual, em função do género

	Género				χ	Sig.
	Masculino		Feminino			
	N	%	N	%		
<i>Motivações para a infidelidade</i>						
1. Em alguma relação, anterior ou atual, fez um acordo para não se envolver com mais ninguém?					.057	.811
Sim	43	39.1	50	37.6		
Não	67	60.9	83	62.4		
2a) No relacionamento <u>anterior</u> , envolveu-se com outra pessoa?					6.52	.089
Sim, emocionalmente	7	6.4	5	3.8		
Sim, fisicamente	13	11.8	10	7.5		
Sim, emocional e fisicamente	26	23.6	20	15.0		
Não	64	58.2	98	73.7		
2b) No relacionamento <u>atual</u> , envolveu-se com outra pessoa?					24.41	.000
Sim, emocionalmente	4	3.6	9	6.8		
Sim, fisicamente	15	13.6	4	3.0		
Sim, emocional e fisicamente	29	26.4	13	9.8		
Não	62	56.4	107	80.5		

Legenda: N – Freq. absoluta; % - Freq relativa; χ - Teste Chi-Square; * $p < .05$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

Numa perspetiva global e atual, ou seja, incluindo na definição de infidelidade a componente emocional; física/sexual; e emocional e física/sexual, os participantes do género masculino mostraram-se significativamente mais infiéis do que os participantes do género feminino [$\chi(1)=16.49$; $p=.000$] (tabela 6).

Na escala Motivações para a Infidelidade, as primeiras questões têm a finalidade de perceber se os participantes estabeleceram algum acordo de não se envolver com mais ninguém e se se envolveram com alguém num relacionamento anterior ou num relacionamento atual. Nas duas primeiras questões não se registaram diferenças significativas em função do género. Quando questionados se no relacionamento atual se haviam envolvido com outra pessoa, registaram-se diferenças significativas entre homens e mulheres [$\chi(3)=24.41$; $p=.000$], com os homens a revelar valores superiores quer no envolvimento meramente físico e no envolvimento físico e emocional (tabela 7).

3. Análise das correlações bivariadas

Tabela 8 - Matriz de Correlações Bivariadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1. FF																		
2. TL	.44***																	
3. AUT	.60***	.38***																
4. REF	.63***	.43***	.73***															
5. CC	.70***	.44***	.58***	.66***														
6. SES	.67***	.41***	.54***	.64***	.80***													
7. SEX	.47***	.30***	.37***	.51***	.66***	.79***												
8. IE	.72***	.49***	.63***	.68***	.81***	.87***	.75***											
9. C	.65***	.38***	.45***	.51***	.67***	.73***	.59***	.72***										
10. CFP	.60***	.39***	.45***	.56***	.62***	.76***	.71***	.76***	.64***									
11. PEA	-.106	-.086	-.089	-.086	-.043	-.034	-.032	-.105	-.16**	-.032								
12. PE	-.027	.022	.004	-.041	-.022	-.051	-.102	-.030	-.099	-.037	.44***							
13. DES	.048	.020	-.087	-.101	-.017	-.113	-.13*	-.107	.016	-.14*	.35***	.33***						
14. ST	-.017	-.073	-.19**	-.13*	-.029	-.070	-.105	-.097	-.100	-.074	.13*	.11	.43***					
15. SS	-.041	-.044	-.127*	-.127*	-.041	-.003	.127*	-.126	-.125	-.105	.75***	.65***	.78***	.54***				
16. INSAT	-.13*	.065	-.083	-.023	-.124	-.18**	-.063	-.14*	-.13*	-.11	.19**	.14*	.46***	.35***	.14*			
17. NEGLI	-.080	.050	-.093	-.014	-.123	-.14*	-.056	-.100	-.070	-.035	.13*	.18**	.39***	.32***	.18**	.80***		
18. SEXU	.012	.067	-.058	.001	-.085	-.20**	-.18**	-.114	.016	-.15*	-.18**	.14*	.56***	.40***	.21**	.69***	.68***	
19. RAI	.10	.09	-.04	.07	-.005	-.039	.001	.020	.091	.005	.066	.033	.39***	.25***	.21**	.69***	.65***	.69***

Legenda: *Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal (EASAVIC)* - FF - funções familiares; TL - tempos livres; AUT – autonomia; REF - relações extrafamiliares; CC - comunicação e conflitos; SES - sentimentos e expressão de sentimentos; SEX – sexualidade; IE - intimidade emocional; C – continuidade; CFP - características físicas e psicológicas; *Escala Procura de Sensações* – PEA - procura de emoção e aventura; PE - procura de experiências; DES - desinibição; ST - suscetibilidade ao tédio; SS – Procura de Sensações Total; *Motivações para a Infidelidade* – INSAT – insatisfação; NEGLI – negligência; SEXU – sexual; RAI – raiva; * $p < .05$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

As correlações entre as dimensões da *Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal* revelaram-se todas elas significativas.

A dimensão funções familiares variou entre valores moderados [com as dimensões tempos livres ($r=.44$; $p=.000$); sexualidade ($r=.47$; $p=.000$)] e fortes [com as dimensões autonomia ($r=.60$; $p=.000$); relações extrafamiliares ($r=.63$; $p=.000$); comunicação e conflito ($r=.70$; $p=.000$); sentimentos e expressão de sentimentos ($r=.67$; $p=.000$); intimidade emocional ($r=.72$; $p=.000$); continuidade ($r=.65$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.60$; $p=.000$)] todos eles positivos e significativos. Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na generalidade fraca e não significativa, à exceção da correlação entre funções familiares e a insatisfação (escala motivações para a infidelidade) que se revelou negativamente fraca e significativa ($r=-.13$; $p=.042$). No que concerne à dimensão tempos livres as associações evidenciaram valores positivos, moderados e significativos com as dimensões autonomia ($r=.38$; $p=.000$); relações extrafamiliares ($r=.43$; $p=.000$); comunicação e conflito ($r=.44$; $p=.000$); sentimentos e expressão de sentimentos ($r=.41$; $p=.000$); sexualidade ($r=.30$; $p=.000$); intimidade emocional ($r=.49$; $p=.000$); continuidade ($r=.38$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.39$; $p=.000$). Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na generalidade positiva, fraca e não significativa, à exceção da relação com a dimensão suscetibilidade ao tédio que se evidenciou negativa, fraca e não significativa. No que diz respeito à dimensão autonomia as associações evidenciaram valores que variaram entre moderados [comunicação e conflito ($r=.58$; $p=.000$); sentimentos e expressão de sentimentos ($r=.54$; $p=.000$); sexualidade ($r=.37$; $p=.000$); continuidade ($r=.45$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.45$; $p=.000$)] e fortes [relações extrafamiliares ($r=.73$; $p=.000$) e intimidade emocional ($r=.49$; $p=.000$)]. Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se negativa, fraca e na generalidade não significativa, à exceção da relação com a dimensão suscetibilidade ao tédio que se mostrou significativa ($r=-.19$; $p=.003$). No que confere às relações extrafamiliares as associações evidenciaram valores que variaram entre moderados [sexualidade ($r=.51$; $p=.000$); continuidade ($r=.51$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.56$; $p=.000$)] e fortes [comunicação e conflito ($r=.66$; $p=.000$); sentimentos e expressão de sentimentos ($r=.64$; $p=.000$) e intimidade emocional ($r=.68$; $p=.000$)]. Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na generalidade fraca e não significativa, à exceção da relação com a dimensão suscetibilidade ao tédio que se mostrou fraca, negativa e significativa ($r=-.13$; $p=.043$).

Em relação à dimensão comunicação e conflito as associações evidenciaram valores que variaram entre moderados [sexualidade ($r=.66$; $p=.000$); continuidade ($r=.67$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.62$; $p=.000$)] e fortes [sentimentos e expressão de sentimentos ($r=.80$; $p=.000$) e intimidade emocional ($r=.81$; $p=.000$)]. Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na fraca, negativa e não significativa. Quanto à dimensão sentimentos e expressão de sentimentos valores mostraram-se fortes com as dimensões sexualidade ($r=.79$; $p=.000$); intimidade emocional ($r=.87$; $p=.000$); continuidade ($r=.73$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.76$; $p=.000$). Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na fraca e negativa, à exceção das dimensões da escala das motivações para a infidelidade – insatisfação ($r=-.18$; $p=.005$), negligência ($r=-.14$; $p=.020$) e sexual ($r=-.20$; $p=.002$) que se mostraram negativas, fracas e significativa. Quanto à dimensão sexualidade valores variaram entre moderado [continuidade ($r=.59$; $p=.000$)] e forte [intimidade emocional ($r=.75$; $p=.000$); e características físicas e psicológicas ($r=.71$; $p=.000$). Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na fraca e negativa, à exceção da dimensão desinibição ($r=-.13$; $p=.039$) da escala procura de sensações e da dimensão sexualidade ($r=-.18$; $p=.005$) da escala das motivações para a infidelidade que se mostraram negativas, fracas e significativa. A dimensão intimidade emocional apresentou uma associação forte, positiva e significativa com as dimensões continuidade ($r=.72$; $p=.000$) e características físicas e psicológicas ($r=.76$; $p=.000$). Com as restantes dimensões esta associação mostrou-se na fraca e negativa, à exceção da dimensão insatisfação ($r=-.14$; $p=.024$) da escala das motivações para a infidelidade que se mostrou negativa, fraca e significativa. A dimensão características físicas e psicológicas apresentou uma associação fraca, negativa e não significativa com as restantes dimensões, à exceção desinibição ($r=-.14$; $p=.023$) da escala procura de sensações e da dimensão sexual ($r=-.15$; $p=.017$) da escala das motivações para a infidelidade que se mostrou negativa, fraca e significativa.

A dimensão procura de emoção e aventura da escala procura de sensações apresentou uma associação significativa que variou entre fraca [com as dimensões suscetibilidade ao tédio ($r=.13$; $p=.039$); insatisfação ($r=.19$; $p=.032$); negligência ($r=.13$; $p=.041$) e sexualidade ($r=-.18$; $p=.005$)] e moderada [com as dimensões procura de experiência ($r=.44$; $p=.000$) e desinibição ($r=.35$; $p=.000$)]. A dimensão procura de experiências da escala procura de sensações apresentou uma associação significativa que variou entre fraca [com as dimensões insatisfação ($r=.14$; $p=.024$); negligência ($r=.18$; $p=.004$) e sexual ($r=.14$; $p=.024$)] e moderada com a dimensão desinibição ($r=.33$; $p=.000$). A dimensão desinibição da escala

procura de sensações apresentou uma associação positiva, moderada e significativa com as dimensões suscetibilidade ao tédio ($r=.43$; $p=.000$); insatisfação ($r=.46$; $p=.000$); negligência ($r=.39$; $p=.000$); sexual ($r=.39$; $p=.000$) e raiva ($r=.39$; $p=.000$). A dimensão suscetibilidade ao tédio da escala procura de sensações apresentou uma associação positiva, fraca e significativa com a insatisfação ($r=.14$; $p=.025$); negligência ($r=.18$; $p=.004$); sexual ($r=.21$; $p=.001$) e raiva ($r=.21$; $p=.001$).

A variável insatisfação da escala motivação para a infidelidade apresentou uma associação positiva, forte e significativa com a negligência ($r=.80$; $p=.000$); sexual ($r=.69$; $p=.000$) e raiva ($r=.69$; $p=.000$). A variável negligência da escala motivação para a infidelidade apresentou uma associação positiva, forte e significativa com a sexual ($r=.68$; $p=.000$) e raiva ($r=.65$; $p=.000$). A variável sexual da escala motivação para a infidelidade apresentou uma associação positiva, forte e significativa com a raiva ($r=.69$; $p=.000$).

4. Análise preditiva da infidelidade

Partindo da questão “Se tivesse a certeza que não era descoberto(a), considera que poderia vir a ser infiel?” pretende-se identificar as variáveis as dimensões preditoras da infidelidade, tendo-se realizado a Regressão Múltipla Linear, recorrendo ao método *Stepwise*. Na tabela 9, encontra-se representado o contributo das variáveis preditoras.

Verificou-se que existem três variáveis independentes preditoras, explicando 21.8% da variância total da infidelidade. A primeira variável preditora encontrada foi a Desinibição (Escala Procura de Sensações) que explicou 15.5% [$B = -.048$; $t(241) = -3.87$; $p=.000$], a segunda foi a motivação sexual (escala Motivações para a infidelidade) que explicou 3.6% [$B = -.016$; $t(241) = -3.48$; $p=.001$] e a última foi a Continuidade (Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal, na área do amor) que explicou 2.7% [$B = .023$; $t(241) = 3.08$; $p=.002$].

Tabela 9 - Preditores da infidelidade

VD	VI	r^2	r^2 ajust.	B	t
	Desinibição	.159	.155	-.048	-3.87***
Infidelidade	Motivação Sexual	.197	.191	-.016	-3.48**
	Continuidade	.228	.218	.023	3.08**

Legenda: VD – Variável Dependente; VI - Variável Independente; * $p<.05$, ** $p<.01$, *** $p<.001$

a. Análise preditiva da infidelidade – género masculino

Na tabela 10, encontra-se representado o contributo das variáveis preditoras da infidelidade para o género masculino.

Existem cinco variáveis independentes preditoras, explicando 30.9% da variância total da infidelidade. A primeira variável preditora encontrada foi a Motivação sexual (Escala Procura de Sensações) que explicou 15.1% [$B = -.017$; $t(108) = -2.76$; $p = .007$]; a segunda foi a dimensão características físicas e psicológicas que explicou 5.8% [$B = .077$; $t(108) = 3.76$; $p = .000$]; a terceira dimensão foi a sexualidade que explicou 3.7% [$B = -.049$; $t(108) = -3.89$; $p = .000$]; a quarta dimensão foi a intimidade emocional que explicou 2.1% [$B = .053$; $t(108) = 3.27$; $p = .001$]; e a última dimensão foi a funções familiares que explicou 4.2% [$B = .053$; $t(108) = -2.72$; $p = .008$]. A primeira dimensão preditora pertence à Escala Procura de Sensações, a segunda terceira e quarta pertencem à Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal, área do amor e a última pertence à mesma escala mas está direcionada para a área de funcionamento conjugal.

Tabela 10 - Preditores da infidelidade – género masculino

VD	VI	r^2	r^2 ajust.	B	t
Infidelidade	Motivação Sexual	.159	.151	-.017	-2.76**
	C. Físicas/psicológicas	.223	.209	.077	3.76***
	Sexualidade	.267	.246	-.049	-3.89***
	Intimidade emocional	.294	.267	.053	3.27**
	Funções familiares	.341	.309	-.053	-2.72**

Legenda: VD – Variável Dependente; VI - Variável Independente; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

b. Análise preditiva da infidelidade – género feminino

Na tabela 11, encontra-se representado o contributo das variáveis preditoras da infidelidade para o género feminino.

Existem duas variáveis independentes preditoras, explicando 16.7% da variância total da infidelidade no género feminino. A primeira variável preditora encontrada foi a Desinibição (Escala Procura de Sensações) que explicou 11.7% [$B = -.062$; $t(131) = -4.66$; $p = .000$], e a segunda foi a Continuidade (Escala de Avaliação da Satisfação da Vida Conjugal, na área do amor) que explicou 5.0% [$B = .024$; $t(131) = 2.96$; $p = .004$].

Tabela 11 - Preditores da infidelidade – género feminino

VD	VI	r^2	r^2 ajust.	B	t
Infidelidade	Desinibição	.124	.117	-.062	-4.66***
	Continuidade	.179	.167	.024	2.96**

Legenda: VD – Variável Dependente; VI - Variável Independente; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

5. Diferenças entre pessoas que ponderavam (ou não) vir a ser infiéis e procura de sensações

Os/as participantes que ponderaram vir a ser infiéis caso não fossem detetados apresentaram índices superiores em todas as dimensões comparativamente com aqueles que não ponderaram essa hipótese. Na dimensão PEA os que ponderaram ser infiéis apresentaram uma média superior ($M=5.86$; $DP=2.60$) aos que não ponderaram ser infiéis ($M=4.98$; $DP=2.94$), sendo essas diferenças estatisticamente significativas [$t(241)=2.26$; $p=.025$]. Apenas na dimensão PE não se registaram diferenças significativas [$t(241)=1.30$; $p=.195$], apesar dos que ponderaram vir a ser infiéis apresentarem níveis superiores ($M=5.68$; $DP=1.97$) comparativamente aos que não colocaram essa hipótese ($M=5.35$; $DP=1.77$). Na dimensão DES os que ponderaram ser infiéis apresentaram uma média superior ($M=4.96$; $DP=2.84$) aos que não ponderaram ser infiéis ($M=2.76$; $DP=2.11$), sendo essas diferenças estatisticamente significativas [$t(118.96)=6.08$; $p=.000$]. Na dimensão ST os que ponderaram ser infiéis apresentaram uma média superior ($M=3.42$; $DP=1.70$) aos que não ponderaram ser infiéis ($M=2.57$; $DP=1.71$), sendo essas diferenças estatisticamente significativas [$t(241)=3.63$; $p=.000$]. Na dimensão Procura de Sensações Total (SS) os que ponderaram ser infiéis apresentaram uma média superior ($M=19.92$; $DP=6.51$) aos que não ponderaram ser infiéis ($M=15.66$; $DP=5.81$), sendo essas diferenças estatisticamente significativas [$t(241)=5.13$; $p=.000$] (tabela 12).

Tabela 12 - Comparação de médias das dimensões da escala procura de sensações, em função de ponderarem ser ou não infieis se tivessem a certeza que não eram descobertos

	Infidelidade				<i>t</i>	<i>Sig.</i>
	Sim		Não			
	M	DP	M	DP		
<i>Motivações para a infidelidade</i>						
- Procura de Emoção e Aventura (PEA)	5.86	2.60	4.98	2.94	2.26	.025
- Procura de Experiências (PE)	5.68	1.97	5.35	1.77	1.30	.195
- Desinibição (DES)	4.96	2.84	2.76	2.11	6,08	.000
- Suscetibilidade ao Tédio (ST)	3.42	1.70	2.57	1.71	3.63	.000
- Procura de sensações TOTAL (SS)	19.92	6.51	15.66	5.81	5.13	.000

Legenda: *t* - T- Test; * $p < .05$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

6. Procura de sensações e motivações para a infidelidade

Por se tratar de uma variável contínua, a dimensão Procura de Sensações Total (SS) foi recodificada. Antes foi verificada a mediana desta dimensão que assumiu o valor 18. Posteriormente, esta dimensão foi então recodificada dando origem a duas categorias, denominadas baixos níveis de procura de sensações (<18) e elevados níveis de procura de sensações (>18).

Os participantes com baixos níveis de procura de sensações apresentaram índices significativamente mais baixos de Insatisfação ($M=12.57$; $DP=8.50$) do que os participantes com níveis elevados de procura de sensações ($M=18.64$; $DP=8.06$) [$t(241) = -5.64$; $p=.000$].

Os respondentes com baixos níveis de procura de sensações apresentaram índices significativamente mais baixos de Negligência ($M=10.27$; $DP=6.87$) do que os participantes com níveis elevados de procura de sensações ($M=15.37$; $DP=7.03$) [$t(241) = -5.67$; $p=.000$].

Pessoas com baixos níveis de procura de sensações apresentaram índices significativamente mais baixos de motivações sexuais para a infidelidade ($M=9.62$; $DP=6.00$) do que os participantes com níveis elevados de procura de sensações ($M=14.64$; $DP=7.52$) [$t(194.5) = -5.61$; $p=.000$].

Pessoas com baixos níveis de procura de sensações apresentaram índices significativamente mais baixos de raiva ($M=5.92$; $DP=4.38$) do que os participantes com níveis elevados de procura de sensações ($M=8.26$; $DP=5.05$) [$t(241) = -3.85$; $p=.000$] (tabela 13).

Tabela 13 - Comparação de médias das dimensões da escala motivações para a infidelidade, em função de níveis baixos ou elevados de procura de sensações total (SS)

	Procura de sensações (SS)				<i>t</i>	<i>Sig.</i>
	Baixo		Elevado			
	M	DP	M	DP		
<i>Motivações para a infidelidade</i>						
- Insatisfação	12.57	8.50	18.64	8.06	-5.64	.000
- Negligência	10.27	6.87	15.37	7.03	-5.67	.000
- Sexual	9.62	6.00	14.64	7.52	-5.61	.000
- Raiva	5.92	4.38	8.26	5.05	-3.85	.000

Legenda: *t* - T- Test; * $p < .05$; ** $p < .010$; *** $p < .001$

CAPÍTULO IV – Discussão

Discussão

Na avaliação de um relacionamento podem existir inúmeras características individuais, familiares, laborais ou contextuais que direta ou indiretamente podem influenciar a ponderação. De acordo com Narciso e Ribeiro (2009), apesar da taxa de divórcios em Portugal ser relativamente elevada (49%) o matrimónio continua a ser algo muito valorizado. De acordo com as investigadoras, a conjugalidade é uma das principais fontes de bem-estar físico e psicológico. Quando os relacionamentos são estáveis e o casal se sente feliz, os índices de bem-estar (físico e psicológico) são elevados.

Segundo a literatura, uma das características da personalidade que pode influenciar, muitas vezes de forma menos positiva, a conjugalidade, é o traço de personalidade procura de sensações, que em níveis elevados se encontra relacionado com riscos para a integridade física e psicológica (Byck, et al., 2015; Lalasz, & Weigel, 2011; Mann, et al, 2016; Northey, Dunkley, Klonsky, & Gorzalka, 2016; Richard, Segress & Claudill, 2007).

Assim, iremos relembrar cada uma das hipóteses formuladas e discuti-las em seguida.

A *primeira hipótese* (H1), segundo a qual era esperado que os homens sejam significativamente mais infiéis do que as mulheres, no relacionamento atual, foi confirmada.

A quebra do compromisso de exclusividade existente normalmente no seio de um casal pode dever-se a um conjunto de fatores pessoais e contextuais. Por outro lado, o envolvimento em relações fora da relação matrimonial não é exclusiva apenas do género masculino (Allen et al., 2008; Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Barta & Kiene, 2005; McAlister 2005; Treas & Giesen, 2000), apesar de vários investigadores mencionarem que os homens apresentam uma maior propensão para a infidelidade (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Barta & Kiene, 2005; McAlister (2005).

De acordo com o estudo realizado por Atkins, Yi, Baucom e Christensen (2005) cerca de 20% dos americanos foi infiel ao seu parceiro de relação pelo menos uma vez na vida. Na investigação desenvolvida por Treas e Giesen (2000), entre 1,5% e 3,6% das pessoas casadas confirmaram a existência de um relacionamento extraconjugal durante o último ano.

Para Allen e colaboradores (2008) cerca de 1/3 dos homens e 1/5 das mulheres já se envolveram em relações fora da relação primária. Apesar de poderem existir múltiplas justificações, a insatisfação no seio matrimonial tem sido a principal explicação (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Barta & Kiene, 2005).

Treas e Giesen (2000) mencionam que a idade é um forte preditor das relações extramatrimoniais, uma vez que com o aumento da idade as oportunidades para ser infiel

também aumentam. Estes autores sugerem que se a oportunidade surgir e se tiverem a certeza que não serão descobertos, muitas pessoas estarão tentadas a experimentar um relacionamento fora da relação matrimonial. A infidelidade pode implicar uma avaliação custo-benefício (Barta & Kiene, 2005).

Thompson (1984) realizou um estudo com pessoas que se haviam envolvido em casos de infidelidade e concluiu que mais de metade dos homens e cerca de 2/3 das mulheres manifestaram-se mais satisfeitos fora da relação matrimonial em termos das necessidades emocionais e sexuais, sentiam-se mais compreendidos e tinham mais atenção. Cerca de 40% dos respondentes afirmaram que já haviam sido infiéis pelo menos uma vez na sua vida.

De acordo com Zare (2011), cerca de 10% dos casais envolveram-se em relações extraconjugais (12% homens e 7% mulheres). Ainda segundo este autor, uma investigação desenvolvida em Washington, verificou que a infidelidade tem tendência a aumentar à medida que as sociedades evoluem. Em 1991, a taxa de infidelidade nos homens com mais de 60 anos era de 20% e em 2006 passou a ser de 28%. Nas mulheres, na mesma faixa etária a tendência foi a mesma, em 1991 era de 5% e em 2006 passou para 15%.

Waite e Gallagher (2000) revelaram que 4% dos homens casados, 16% dos homens em união de facto e 37% dos homens que se encontravam numa relação de namoro tiveram relações sexuais com elemento fora da relação primária durante o último ano. Em comparação com as mulheres apenas 1% eram casadas, 8% encontravam-se em união de facto e 17% numa relação de namoro.

A *segunda hipótese* (H2), segundo a qual era esperado que a infidelidade física/sexual seja superior nos homens, e a infidelidade emocional seja superior nas mulheres, foi igualmente confirmada.

De acordo com Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009), existem dois tipos de infidelidade sexual e emocional. Feldman e Cauffman (1999) realçam que os homens apresentam uma maior propensão para uma orientação sexual sem restrições comparativamente às mulheres, o que os torna suscetíveis à infidelidade. Pessoas que tenham tido muitos parceiros sexuais e pessoas demasiado permissivas tendem envolver-se mais em relacionamentos extraconjugais.

Paul, McManus e Hayes (2000) desenvolveram uma investigação com uma amostra de estudantes universitários e concluíram que cerca de 1/2 dos participantes do género masculino e 1/3 dos respondentes do género feminino se haviam envolvido num encontro furtivo dando origem a pelo menos um encontro sexual. Destes, cerca de 1/4 encontravam-se numa relação

amorosa estável e cerca de metade voltou a encontrar-se e a envolver-se sexualmente com essa pessoa.

Algumas investigações mencionam que a principal causa de separação se deve a descoberta da infidelidade (Allen, et al, 2008; Barta & Kiene, 2005; Lalasz & Weigel, 2011). Para Barta e Kiene (2005) a infidelidade pode conduzir ao divórcio se as mulheres (traídas) entenderem que o investimento que do seu companheiro na relação extramatrimonial é do tipo emocional. Também referem que quando as mulheres descobrem a infidelidade do seu companheiro, estes tendem a justificar-se afirmando que o relacionamento foi ocasional, puramente físico (intimidade sexual) e a componente emocional ausente, o que de alguma forma poderá suavizar os efeitos da infidelidade na opinião dos mesmos. Todavia, alguns críticos desta visão afirmam que é muito difícil dissociar de uma forma tão simplista a componente sexual da emocional.

O envolvimento em relações extraconjugais de índole sexual assumem normalmente uma duração limitada, onde os envolvidos falam pouco da sua vida. Já a pessoa que se envolve emocionalmente, a duração do relacionamento pode ser muito mais alargada e são definidos pela confiança, entrega, dedicação, compromisso fora da relação primária, compreensão e revelação (Barta & Kiene, 2005).

Os homens sentem-se mais perturbados com uma infidelidade de âmbito sexual, já as mulheres ficam mais magoadas com a infidelidade emocional. Os homens poderão encarar a infidelidade sexual de uma forma mais cética devido à incerteza da paternidade. Já para as mulheres, a sua sensibilidade poderá ser colocada em causa com a infidelidade emocional (Wade & Walsh, 2008).

Alguns investigadores têm afirmado que os homens assumem uma matriz essencialmente sexual, já as mulheres revelam que os relacionamentos fora do matrimónio apresentam um cariz maioritariamente emocional (Atkins, Yi, Baucom, & Christensen, 2005; Barta & Kiene, 2005). Os homens também parecem ser os que primeiro procuram um relacionamento extraconjugal (Barta & Kiene, 2005).

Ambos os géneros apresentam explicações semelhantes para a infidelidade sexual (diversão, curiosidade e novidade), intimidade emocional (ligada ao companheirismo, confiança, compreensão e autoestima), fatores extrínsecos (ligados por exemplo à vingança) e romantismo/amor (ligado normalmente à pessoa fora da relação primária), contudo as mulheres dão mais ênfase às justificações ligadas ao amor e aprovam menos justificações de índole sexual. As mulheres acreditam que não possível separar o amor e o sexo e quando se

apaixonam parece ser uma justificação plausível para o envolvimento sexual (Barta & Kiene, 2005; Glass & Wright, 1992).

Treas e Giesen (2000) salientam que se se controlarem algumas variáveis como interesses sexuais fortes, valores sexuais permissivos, insatisfação com o relacionamento conjugal, afastamento à rede social do(a) parceiro(a) ou oportunidades sexuais as diferenças entre géneros em termos de infidelidade deixam de ser significativas.

A *terceira hipótese* (H3), segundo a qual era esperado que os participantes que ponderam vir a ser infiéis ao/à seu/sua companheiro(a) de relação (se tivessem a certeza que não seriam apanhados) apresentem índices significativamente superiores de procura de sensações, também foi confirmada. Relativamente à dimensão Procura de Sensações Total (SS) os que ponderaram ser infiéis apresentaram uma média significativamente superior aos que não ponderaram essa hipótese. As restantes dimensões que compõe a Procura de Sensações, também merecem um comentário. Os/as participantes que ponderaram vir a ser infiéis apresentaram índices superiores de Procura de Emoção e Aventura (PEA), de Procura de Experiências (PE), Desinibição (DES) e Suscetibilidade ao Tédio (ST), do que os que não ponderaram incorrer na infidelidade. Apenas na dimensão Procura de Experiências não se registaram diferenças significativas.

Vários investigadores referem que a infidelidade é algo mais comum do que possa parecer na sociedade contemporânea o que não significa que não tenha uma conotação menos positiva na maior parte dos casos (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Lalasz, & Weigel, 2011).

A procura de sensações poderá ajudar na compreensão de determinados comportamentos e atitudes do Ser Humano, nomeadamente ao nível dos comportamentos de risco, entre os quais salientam-se relações sexuais com múltiplos parceiros; relações sexuais sem adotar as medidas contraceptivas ou relações sexuais com desconhecidos (Bancroft, et al., 2004; Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Hoyle, Fejfar & Miller, 2000; Miller, et al., 2004; Zuckerman, 2007).

Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009) demonstraram que os participantes infiéis apresentaram maior necessidade de procurar e experimentar sensações novas, sendo estas mais variadas e intensas; eram mais suscetíveis ao tédio, mostrando maior tendência para a gratificação imediata e revelaram maior desinibição a nível sexual.

A procura de sensações associada à impulsividade parece ser um forte preditor do risco sexual (Hoyle, Fejfar & Miller, 2000). A procura de sensações também se revelou como

preditor de relações pré-matrimoniais e extraconjugais de acordo com Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009).

Para Hoyle, Fejfar e Miller (2000) pessoas com níveis elevados de procura de sensações a questão não se coloca primordialmente na infidelidade já que estas pessoas dão tanto ou mais valor à liberdade do que a uma relação formal; evitam rotinas e podem vir a ter múltiplos parceiros sexuais.

No estudo desenvolvido por Ficher, Zuckerman e Steinberg (1988) concluíram que quando os níveis de procura de sensações não era equilibrado no seio do casal, poderiam surgir situações melindrosas geradoras de conflitos, podendo levar ao divórcio.

Por fim, a *quarta hipótese* (H4) referia-se à expectativa de que pessoas com elevados níveis de procura de sensações (SS) apresentem níveis significativamente mais elevados de motivações para a infidelidade (insatisfação, negligência, motivações sexuais e raiva) do que pessoas com baixos níveis de procura de sensações. Esta hipótese também foi confirmada.

Quando se fala de matrimónio subentende-se a existência de um compromisso, da expectativa de que se esteja a construir algo de duradouro. Porém, a união das individualidades reveste-se da necessidade de adaptação de ambas as partes e em alguns casos, os intervenientes não se sentem completamente preenchidos, sentem-se insatisfeitos, não compreendidos ou negligenciados, motivo pelo qual quebram o compromisso de exclusividade (Castro, Poeschl, & Coimbra, 2010; Costa & Cenci, 2014; Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Treas, & Giesen, 2000; Wade & Walsh, 2008), sexual e emocional (Lalasz & Weigel, 2011).

Alguns autores mencionam que a coabitação antes do matrimónio, experiências anteriores mal sucedidas, rotinas ou a duração da relação (muitos anos) podem levar a uma falta de investimento, o enfraquecimento da relação conjugal e até mesmo o negligenciar da relação (Allen et al, 2008; Blow, & Hartnett, 2005; Costa & Cenci, 2014; Glass & Wright, 1992; Treas, & Giesen, 2000). Pessoas que avaliaram o seu relacionamento como insatisfatório apresentavam uma propensão superior para a infidelidade (Allen, et al, 2008; Blow, & Hartnett, 2005).

Buss e Shackelford (1997) referem que a insatisfação sexual, impulsividade, consumo de álcool e drogas, procura de sensações, abertura à experiência, narcisismo e ingenuidade se encontram positivamente associadas à infidelidade.

Ficher, Zuckerman e Steinberg (1988) referem que a distinção entre pessoas com baixos ou elevados índices de procura de sensações se faz através dos valores e crenças, e

pelo afastamento ou proximidade a fatores de risco. Pessoas com elevados níveis de procura de sensações apresentam uma tendência mais elevada para assumir riscos a fim de obter experiências mais intensas e gratificantes (Byck, Swann, Schalet, Bolland, & Mustanski, 2015).

Os contactos sexuais - relações sexuais com múltiplos parceiros; com parceiro desconhecido; relações sexuais sem medidas de contraceção; atitudes sexuais permissivas (Byck, et al., 2015; Lalasz, & Weigel, 2011; Mann, et al, 2016; Northey, Dunkley, Klonsky, & Gorzalka, 2016; Richard, Segress & Claudill, 2007) associados a elevados níveis de procura de sensações podem assumir uma vertente de descoberta, curiosidade, novidade e variedade nas relações extraconjugais, e ser utilizados como argumento para a insatisfação conjugal (Glass & Wright, 1992).

A procura de sensações e de emoções fortes pode fazer com que os elementos do casal procurem fora do relacionamento aventura, excitação e/ou companhia e que sentem falta na relação conjugal (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009).

A investigação levada a cabo por Voisin, Tan, & Diclemente (2013) encontrou uma associação positiva entre a procura de sensações e as tomadas de decisão de risco em termos sexuais. A amostra feminina revelou que quanto maior era a procura de sensações mais descuidada era a segurança, nomeadamente menor uso de preservativos, mais parceiros sexuais, menor comunicação com o parceiro sexual, menor disponibilidade para negociar o uso do preservativo e consequentemente menor propensão para recusar ter atividades sexuais.

No que respeita às limitações identificadas no presente estudo, salienta-se o preenchimento do questionário: por se tratar de temas sensíveis, o preenchimento do protocolo deveria ser realizado de forma individual. Ao aplicarmos em formato de papel, para testar a compreensão das questões e obter sugestões para a melhoria do protocolo de investigação, foi sentido pelo aplicador um forte constrangimento; nas questões sobre infidelidade, apesar de ter havido uma preocupação em fazer a distinção em relação à infidelidade, esta distinção deveria ter sido mais explícita e em vez de se referir infidelidade emocional, infidelidade física e infidelidade emocional e física, poder-se-ia ter trocado o conceito “física” por “sexual”, à semelhança do que refere a generalidade da literatura científica;

Em virtude de serem temas relativamente delicados para algumas pessoas, sugere-se que em futuras investigações se adicione ao protocolo de investigação um instrumento que avalie a desejabilidade social; ao realizar-se um estudo do género seria importante obter-se

uma amostra de maiores dimensões, para perceber qual a distribuição de opiniões pelas diferentes faixas etárias em termos de (in)satisfação conjugal, procura de sensações e (in) fidelidade; sugere-se que em futuros estudos se avalie a possibilidade de investigar casais uma vez que o nosso trabalho investigou apenas a pessoa enquanto elemento singular; considerar outro tipo de variáveis que possam estar associadas ao tema, tais como crenças religiosas, valores éticos e morais, nível de educação, estrato social, autoestima, consumo de álcool ou drogas, utilização de medidas contraceptivas; a dimensão procura de sensações tem sido amplamente estudada em adolescentes e jovens adultos, contudo foram sentidas dificuldades na pesquisa de estudos em adultos, pelo que se sugere que sejam realizados trabalhos de investigação neste sentido; será igualmente importante distinguir o tempo de relacionamento (casados ou unidos de facto), uma vez que de acordo com Shackelford, Besser e Goetz (2008), casais casados há menos de um ano têm dificuldade de ponderar ou a antecipar futuras infidelidades

Conclusão

Conclusão

O presente estudo permitiu concluir que os participantes do género masculino apresentam uma maior tendência para a infidelidade quando comparado com o género feminino, tendo em conta o atual relacionamento; os homens também revelaram uma propensão mais acentuada para a infidelidade do tipo físico/sexual, já as mulheres apresentam uma tendência superior para se envolverem em relações extramatrimoniais do tipo emocional; os participantes que ponderaram ter um caso extraconjugal se tivessem a certeza que não eram detetados pelo respetivo (a) companheiro(a), foram também os que apresentaram níveis significativamente superiores de procura de sensações; e os participantes que apresentam níveis mais elevados de procura de sensações são igualmente as pessoas que se encontram mais insatisfeitas com a sua relação, apresentam níveis significativamente mais elevados de negligência quanto ao relacionamento conjugal, demonstram estar mais insatisfeitos em termos sexuais e manifestam maiores sentimentos de raiva, o que significa que estes participantes que evidenciaram elevados níveis de procura de sensações poderão manifestar níveis mais elevados de motivações para a infidelidade.

No âmbito da Psicologia Clínica e da Saúde, estes são temas específicos que têm merecido uma atenção especializada, pela influência que poderão ter para a pessoa e até mesmo para a família. A complexidade dos processos físicos e mentais e o estudo dos comportamentos considerados normativos ou disruptivos alimentam os quadros teóricos. Mas dever-se-á ter em consideração que qualquer pessoa, em determinada altura da sua vida poderá ter de recorrer a um acompanhamento especializado (individual e personalizado) que necessita de um (re)ajustamento e não apenas as pessoas com perturbações mentais. A Psicologia Clínica e da Saúde apesar da sua especificidade apresenta grande abrangência pois não só se dedica às causas que podem conduzir ao desajustamento (*distress*) como se dedica a fatores relevantes como a promoção da saúde física e mental e bem-estar, prevenção, avaliação e tratamento.

Assim, a infidelidade foi identificada pelos profissionais de saúde mental, nomeadamente psicólogos e psicoterapeutas como algo que pode ter um impacto negativo e significativo na vida de cada pessoa.

De acordo com Galarza, Martínez-Taboas e Ortiz (2009), muitos técnicos de saúde mental consideram que as relações fora do casamento são dos eventos mais difíceis de tratar num cenário terapêutico, sendo a infidelidade uma das principais causas de divórcio. Em casos extremos a infidelidade pode conduzir a um transtorno psicológico grave, homicídio ou

suicídio (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Sweeney & Horwitz, 2001), porém, a maioria das pessoas que são infiéis ao cônjuge não procura ajuda (Atkins, Yi, Baucom & Christensen, 2005).

A literatura refere que não é através do risco que as pessoas têm prazer, contudo expõem-se a várias situações de risco. Por outro lado, é reconhecido que experiências gratificantes e variadas podem ser obtidas de diversas formas, não necessariamente através de situações que coloquem em perigo a integridade física e mental dos intervenientes.

Sugere que se desenvolvam programas de prevenção que controlem o traço de personalidade procura de sensações e que ao mesmo tempo possam satisfazer as necessidades e desejos, minimizando as consequências (Galarza, Martínez-Taboas & Ortiz, 2009; Sweeney & Horwitz, 2001)

Em termos de investigação, parece-nos importante que estes temas continuem a ser estudados de forma regular e sistematizada uma vez que as sociedades contemporâneas se encontram em constante mutação. Desta forma poderá manter-se e atualizar um plano de intervenção e tratamento adequado à realidade cultural portuguesa. Apesar de serem componentes distintas a investigação e tratamento devem estar interligadas, complementando-se, para que as estratégias de intervenção possam partir dos dados da investigação.

Em suma, pode concluir-se que fatores de ordem individual ou relacional podem estar associados à perceção de (in) satisfação conjugal e/ou de (in) fidelidade.

Referências

- Aboim, S. (2006). *Conjugalidades em Mudança*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Acevedo, B. & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love? Review of General Psychology, 13 (1), 59-65. DOI:10.1037/a0014226
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Allen, E., Atkins, D., Baucom, D., Snyder, D., Coop, & Glass, S. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology Science and Practice*, 12, 101-143. DOI: 10.1093/clipsy.bpi014
- Allen, E., Rhoades, G., Stanley, S., Markman, H., Williams, T., Melton, J., & Clements, M. (2008). Premarital Precursors of Marital Infidelity. *Family Process*, 47 (2), 243–259. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2008.00251.x
- Alt, B. (2006). *Following the flag: Marriage and the modern military*. Westport, CT: Greenwood Publishing Group.
- Amato, P. & Rogers, S. (1997). A longitudinal study of marital problems and subsequent divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 612-624. DOI: 10.2307/353949
- Andrade, A., Garcia, A. & Cano, D. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (3), 143-156.
- Arnett, J. (1994). Sensation seeking: a new conceptualization and a new scale. *Personality and Individual Differences*, 16 (2), 289-296. DOI: 10.1016/0191-8869(94)90165-1
- Arnett, J. (1996). Sensation Seeking, Aggressiveness, and Adolescent Reckless Behavior. *Personality and Individual Differences*, 20 (6), 693-702.
- Atkins, D., Baucom, D., & Jacobson, N. (2001). Understanding infidelity: Correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology*, 15, 735-749. DOI: 10.1037//0893-3200.15.4.735
- Atkins, D., Yi, J., Baucom, D., & Christensen, A. (2005). Infidelity in Couples Seeking Marital Therapy. *Journal of Family Psychology*, 19 (3), 470–473. DOI: 10.1037/0893-3200.19.3.470
- Bancroft, J., Janssen, E., Carnes, L., Goodrich, D., Strong, D., & Long, S. (2004). Sexual activity and risk taking in young heterosexual men: The relevance of sexual arousability, mood, and sensation seeking. *Journal of Sex Research*, 41, 181-193. DOI: 10.1080/00224490409552226

- Barta, W. & Kiene, S. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(3), 339–360. DOI: 10.1177/026540750505052440
- Berger, P. & Kellner, H. (1964). Marriage and the construction of reality. *Diogenes*, 46, 1-24. DOI: 0.1177/039219216401204601
- Blow, A. & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31, 217–233. DOI: DOI: 10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x
- Bratko, D. & Butkovic, A. (2003). Family studys of Sensation Seeking. *Personality and Individual Differences*, 35, 1559-1570.
- Brimhall, A., Wampler, K., & Kimball, T. (2008). Learning from the past, altering the future: A tentative theory of the effect of past relationships on couples who remarry. *Family Process*, 47 (3), 373-387. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2008.00259.x
- Buss, D. & Shackelford, T. (1997). Susceptibility to infidelity in the first year of marriage. *Journal of Research in Personality*, 31, 193–221.
- Byck, G., Swann, G., Schalet, B., Bolland, J. & Mustanski, B. (2015). Sensation Seeking Predicting Growth in Adolescent Problem Behaviors. *Child Psychiatry Hum Dev*, 46, 466–473. DOI 10.1007/s10578-014-0486-y
- Campbell, A., Converse, P. & Rogers, W. (1976). *The quality of American life*. New York: Russel Sage Foundation.
- Campbell, L., Simpson, J., Boldry, J., & Rubin, H. (2010). Trust, variability in relationship evaluations, and relationship processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99 (1), 14–31. DOI:10.1037/a0019714
- Cano, A. & O’Leary, K. (2000). Infidelity and separations precipitate major depressive episodes and symptoms of nonspecific depression and anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68, 774-781. DOI: 10.1037//0022-006X.68.5.774
- Carpenter, C. (2012). Meta-Analyses of Sex Differences in Responses to Sexual Versus Emotional Infidelity: Men and Women Are More Similar than Different. *Psychology of Women Quarterly*, 36 (1), 25-37. DOI: 10.1177/0361684311414537
- Carroll, S., Hill, E., Yorgason, J., Larson, J., & Sandberg, J. (2013). Couple communication as a mediator between workfamily conflict and marital satisfaction. *Contemporary Family Therapy*, 35, 530-545. DOI: 10.1007/s10591-013-9237-7

- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As Mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artemed.
- Castro, M. (2013). *Fidelidade e infidelidade nas relações amorosas*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Castro, M., Poeschl, G. & Coimbra, J. (2010). *Fidelidade e Infidelidade nas Relações Amorosas: Padrões Discursivos*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro.
- Chi, P., Tsang, S., Chan, K., Xiang, X., Yip, P., Cheung, Y. & Zhang, X. (2011). Marital satisfaction of chinese under stress: moderating effects of personal control and social support. *Asian Journal of Social Psychology*, 14, 15-25. DOI:10.1111/j.1467-839X.2010.01322.x
- Cho, H., Choi, K., Lee, J., Lee, I., Park, M., Na, J. & Kwon, J. (2004). A study of predicting postpartum depression and the recovery factor from prepartum depression. *Korean Journal of Perinatology*, 15, 245–254.
- Choi, E. (2016). Marital Satisfaction and Maternal Depressive Symptoms Among Korean Mothers Transitioning to Parenthood. *Journal of Family Psychology*, 30 (4), 516–521. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000178>
- Costa, C. & Cenci, C. (2014). A relação conjugal diante da infidelidade: a perspetiva do homem infiel. *Pensando Famílias*, 18 (1), 19-34.
- Dollahite, D. & Lambert, N. (2007). Forsaking all others: How religious involvement promotes marital fidelity in Christian, Jewish, and Muslim couples. *Review of Religious Research*, 48, 290–307.
- Donohew, L., Zimmerman, R., Cupp, P., Novak, S., Colon, S. & Abell, R. (2000). Sensation Seeking impulsive decision-making, and risky sex: implications for risk-taking and design of interventions. *Personality and Individual Differences*, 28, 1079-1091.
- Feldman, S. & Cauffman, E. (1999). Sexual betrayal among late adolescents: Perspectives of the perpetrator and the aggrieved. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 235-258. DOI: 10.1023/A:1021605532205
- Féres-Carneiro, T. & Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, 20 (46), 269-278.
- Ficher, I., Zuckerman, M., & Steinberg, M., (1988). Sensation-seeking congruence in couples as a determinant of marital adjustment: a partial replication and extension. *Journal of Clinical Psychology*, 44 (5), 803-809. DOI: 10.1002/1097-4679

- Figueiredo, P. (2005). A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. *Ciências & Cognição*, 6, 123-132. ISSN:1806-5821.
- Formiga, N., Aguiar, M. & Omar, A. (2008). Busca de Sensações e condutas Anti-Sociais e Delitivas em jovens. *Psicologia Ciências e Profissão*, 28 (4), 668-681.
- Galarza, J., Martínez-Taboas, A. & Ortiz, D. (2009). Factores psicológicos asociados a la infidelidad sexual y/o emocional y su relación a la búsqueda de sensaciones en parejas puertorriqueñas. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 20, 59-81. ISSN: 1946-2026. ISSN: 1946-2026
- Gangestad, S., & Simpson, J. (1990). Toward an evolutionary history of female sociosexual variation. *Journal of Personality*, 58, 69–96. DOI: 10.1111/j.1467-6494.1990.tb00908.x
- Glass, S., & Wright, T. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12, 1101–1120. DOI: 10.1007/BF00288108
- Glass, S. & Wright, T. (1992). Justifications for extramarital relationships: The associations between attitudes, behavior, and gender. *The Journal of Sex Research*, 29 (3), 361-387. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00224499209551654>
- Greeff, A. & Malherbe, H. (2001). Intimacy and marital satisfaction in spouses. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 27, 247–257. DOI:10.1080/009262301750257100
- Gouveia, V., Pimentel, C., Gouveia, R., Freires, L., Athayde, R. & Araújo, R. (2010). Inventário de Arnett de Busca de Sensações (AISS): testando diferentes modelos fatoriais. *Psico-USF*, 15 (2), 181-191. ISSN 2175-3563
- Gottman, J., Coan, J., Carrère, S. & Swanson, C. (1998). Predicting marital happiness and stability from newlywed interactions. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 5-22.
- Gottman, J. & Levenson, R. (2000). The timing of divorce: Predicting when a couple will divorce over a 14-year period. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 737–745. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2000.00737.x
- Gottman, J. & Silver, N. (2001). *Os Sete Princípios do Casamento*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Hirsch, J., Higgins, J., Bentley, M. & Nathanson, C. (2002). The social constructions of sexuality: Marital infidelity and sexually transmitted disease-HIV risk in a Mexican migrant community. *American Journal of Public Health*, 92, 1227-1238.
- Hoyle, R., Fejfar, M., & Miller, J. (2000). Personality and sexual risk taking: A quantitative review. *Journal of Personality*, 68, 1203-1231. DOI: 10.1111/1467-6494.00132

- Karpel, M. (1994). *Evaluating couples: A handbook for practitioners*. New York: Norton & Company.
- Kazak, A., Jarmas, A. & Snitzer, L. (1988). The assessment of marital satisfaction: an evaluation of the Diadic Adjustment Scale. *Journal of Family Psychology*, 2 (1), 82-91.
- Kinsey, A., Pomeroy, W., & Martin, C. (2003). Sexual behavior in the human male. *American Journal of Public Health*, 93 (6), 894-898. DOI: 10.2105/AJPH.93.6.894
- Kluwer, E. (2010). From partnership to parenthood: A review of marital change across the transition to parenthood. *Journal of Family Theory & Review*, 2, 105–125. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1756-2589.2010.00045.x>
- Lalasz, B. & Weigel, D. (2011). Understanding the relationship between gender and extradyadic relations: The mediating role of sensation seeking on intentions to engage in sexual infidelity. *Personality and Individual Differences*, 50, 1079–1083. DOI: 10.1016/j.paid.2011.01.029
- Larzelere R. & Huston, T. (1980). The Dyadic Trust Scale: Toward understanding interpersonal trust in close relationships. *Journal of Marriage & Family*, 42 (3), 595-105. DOI:10.2307/351903
- Li, P. & Wickrama, K. (2014). Stressful life events, marital satisfaction, and marital management skills of taiwanese couples. *Family Relations*, 63, 193-205. DOI: 10.1111/fare.12066
- Logan, J., & Cobb, R. (2016). Benefits of capitalization In newlyweds: predicting marital satisfaction and depression symptoms. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 35 (2), 87-106. DOI: 10.1521/jscp.2016.35.2.87
- MacPherson, L., Magidson, J., Reynolds, E., Kahler, C. & Lejuez, C. (2010). Changes in sensation seeking and risktaking propensity predict increases in alcohol use among early adolescents. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 34 (8), 1400–1408. DOI: 10.1111/j.1530-0277.2010.01223.x
- Mann, F., Patterson, M., Grotzinger, A., Kretsch, N., Tackett, J., Tucker-Drob, E., & Harden, K. (2016). Sensation seeking, peer deviance, and genetic influences on adolescent delinquency: Evidence for person-environment correlation and interaction. *Journal of Abnormal Psychology*, 125, 679-691. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/abn0000160>
- Mao, A. & Raguram, A. (2009). Online infidelity: The new challenge to marriages. *Indian Journal of Psychiatry*, 51 (4), 302-304. DOI: 10.4103/0019-5545.58299

- Maranges, H. & McNulty, J. (2016). The Rested Relationship: Sleep Benefits Marital Evaluations. *Journal of Family Psychology*, 1-6. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/fam0000225>
- Marmorstein, N. (2013). Associations between dispositions to rash action and internalizing and externalizing symptoms in children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 42 (1), 131–138. DOI: 10.1080/15374416.2012.734021
- McAlister, A., Pachana, N. & Jackson, C. (2005). Predictors of young dating adults inclination to engage in extradyadic sexual activities: A multiperspective study. *British Journal of Psychology*, 96, 331-350. DOI: 10.1348/000712605X47936
- McCray, M. (2015). Infidelity, Trust, Commitment, and Marital Satisfaction Among Military Wives During Husbands' Deployment. *Walden University*. 1-160.
- McNulty, J. & Olson, M. (2015). Integrating automatic processes into theories of relationships. *Current Opinion in Psychology*, 1, 107– 112. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2014.11.013>
- Merves-Okin, L., Amidon, E. & Bernt, F. (1991). Perceptions of intimacy in marriage: A study of married couples. *The American Journal of Family Therapy*, 19, 110-118. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01926189108250841>
- Miller, J., Lynam, D., Zimmerman, R., Logan, T., Leukefeld, C., & Clayton, R. (2004). The utility of the five-factor model in understanding risky sexual behavior. *Personality and Individual Differences*, 36, 1611-1626.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Narciso, I. (2001). Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga. Tese de doutoramento apresentada à faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I. & Costa, M. (1996). Amores satisfeitos mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I., Costa, M. & Pina-Prata, F. (2002). Intimidade e compromisso pessoal ou “Aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-88.
- Narciso, I. & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmit, H., & Sharlin, A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 575-584. DOI: 10.1590/S1413-294X2004000300020

- Northey, L., Dunkley, C., Klonsky, D., & Gorzalka, B. (2016). Borderline personality disorder traits and sexuality: Bridging a gap in the literature. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 25 (2), 158–168. DOI:10.3138/cjhs.252-A8
- Oliveira, A. & Pocahy, F. (2015). Eu, tu, ele(s), ela(s): cartografando heteroconjugualidades na prática do swing. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27 (3), 228-237. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1482>
- Olson, M., Russell, C., Kessler, M., & Miller, R. (2002). Emotional processes following disclosure of an extramarital affair. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28, 423-435. DOI: 10.1111/j.1752-0606.2002.tb00367.x
- Paul, E., McManus, B., & Hayes, A. (2000). ‘Hookups’: Characteristics and correlates of college students spontaneous and anonymous sexual experiences. *Journal of Sex Research*, 37, 76–88. DOI: 10.1080/00224490009552023
- Pechorroa, P., Pascoal, P., Figueiredo, C., Almeida, A., Vieira, R., & Jesus, S. (2014). Validação portuguesa da Escala de Busca de Sensações Sexuais (SSSS). *Revista Internacional de Andrologia*, 1-6. DOI: 10.1016/j.androl.2014.11.003
- Pedersen, S., Molina, B., Belendiuk, K., & Donovan, J. (2012). Racial differences in the development of impulsivity and sensation seeking from childhood into adolescence and their relation to alcohol use. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research* 36 (10), 1794–1802. DOI: 10.1111/j.1530-0277.2012.01797.x
- Peltz, J., Rogge, R., Rogosch, F., Cicchetti, D. & Toth, S. (2015). The Benefits of Child-Parent Psychotherapy to Marital Satisfaction. *Families, Systems, & Health*, 33 (4), 372–382. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/fsh0000149>
- Pervin, L. & John, O. (2004). *Personalidade: Teoria e pesquisa* (8.^a Ed.). Porto Alegre: Artemed.
- Primo, J. & Mateus, D. (2008). *Normas para a elaboração e apresentação de teses de doutoramento (Aplicáveis às dissertações de Mestrado)*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Prins, K., Buunk, B., & VanYperen, N. (1993). Equity, normative disapproval and extramarital relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 39-53. DOI: 10.1177/0265407593101003
- Previti, D., & Amato, P. (2004). Is infidelity a cause or a consequence of poor marital quality? *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 217-230. DOI: 10.1177/0265407504041384

- Proulx, C., Helms, H., & Buehler, C. (2007). Marital Quality and Personal Well-Being: A Meta-Analysis. *Journal of Marriage and Family*, 69, 576–593. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2007.00393.x
- Rahmani, S. & Lavasani, M. (2011). The comparison of sensation seeking and five big factors of personality between internet dependents and non-dependents. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 15, 1029–1033. DOI:10.1016/j.sbspro.2011.03.234.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família - Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. (2000). *O Ciclo Vital da Família*. Porto: Afrontamento.
- Ribeiro, M. (2007). Família: Comunidade Educativa – Filhos hoje, Pais amanhã. Comunicação oral no Auditório da Assembleia da República. Lisboa.
- Richard, R., Segress, M. & Claudill, C. (2007). Sensation seeking: a commentary. *Addiction*, 102 (Suppl. 2), 92–94. DOI: 10.1111/j.1360-0443.2007.01959.x
- Robles, T., Slatcher, R., Trombello, J., & McGinn, M. (2014). Marital quality and health: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 140, 140–187. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/a0031859>
- Roizblatt, A., Kaslow, F., Rivera, S., Fuchs, T., Conejero, C., & Zacharias, A. (1999). Long lasting marriages in Chile. *Contemporary Family Therapy*, 21 (1), 113-129. DOI: 10.1023/A:1021918822405
- Shackelford, T., Besser, A., & Goetz, A. (2008). Personality, Marital Satisfaction, and Probability of Marital Infidelity. *Individual Differences Research*, 6 (1), 13-25. ISSN: 1541-745X
- Schmitt, D. & Buss, D. (2000). Sexual dimensions of personal description: Beyond or subsumed by the big five? *Journal of Research in Personality*, 34, 141-177. DOI:10.1006/jrpe.1999.2267
- Schneider, J., Weiss, R., & Samenow, C. (2012). Is it really cheating? Understanding the emotional reactions and clinical Treatment of spouses and partners affected by cybersex infidelity. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 19, 123-139. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10720162.2012.658344>
- Shackelford, T., Besser, A., & Goetz, A. (2008). Personality, Marital Satisfaction, and Probability of Marital Infidelity. *Individual Differences Research*, 6 (1), 13-25. ISSN: 1541-745X
- Silvestre, P. (2011). De terapeuta a paciente. *Afreudite*, VII (13), 92-123.

- Sousa, J. (2006). As famílias como projeto de vida: o desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) educar*, 11, 41 – 47.
- Scorsolini – Comin, F. & Santos, M. (2011). Ajustamento Diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de Avaliação Conjugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (3), p.439 – 447.
- Singly, F. (2000). *Livres juntos. O individualismo na vida comum*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Steinberg, L., Albert, D., Cauffman, E., Banich, I., & Graham, S. (2008). Age differences in sensation seeking and impulsivity as indexed by behavior and self-report: evidence for a dual systems model. *Developmental Psychology*, 44 (6), 1764–1778. DOI: 10.1037/a0012955
- Stewart, D. & MacGriffin, G. (1975) Factor Analysis of Zuckerman's Sensation Scale *Psychological Reports*, 37, 849-850. DOI:10.2466/pr 0.1975.37.3.84.
- Strelau, J. (2010). Zuckerman's Sensation-Seeking Theory: A view from Eastern Europe. *Behavioral and Brain Sciences*, 7 (3), 451-452. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0140525X00019154>
- Sousa, J. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar*, 11, 41-47.
- Sweeney, M. & Horwitz, A. (2001). Infidelity, initiation, and the emotional climate of divorce: Are there implications for mental health? *Journal of Health and Social Behavior*, 42, 295-310.
- Tesser, A., & Beach, S. (1998). Life events, relationship quality, and depression: An investigation of judgment discontinuity in vivo. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 36–52. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.74.1.36>
- Thompson, A. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 35–42.
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 48–60. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2000.00048.x
- Turchik, J., Garske, J., Probst, D. & Irvin, C. (2010). Personality, Sexuality, and Substance Use as Predictors of Sexual Risk Taking in College Students. *Journal of Sex Research*, 47 (5), 411 – 419. DOI: 10.1080/00224490903161621

- Van de Rijt, A. & Buskens, V. (2006). Trust in intimate relationships: The increased importance of embeddedness for marriage in the United States. *Rationality & Society*, 18 (2), 123-156. DOI: 10.1177/1043463106063319
- Veiga-da-Silva, C. (2001). Sem “nós” dois, o que resta sou eu: os caminhos para a separação conjugal. Tese de Doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Voisin, D., Tan, K., & Diclemente, R. (2013). A longitudinal examination of the relationship between sexual sensation seeking and STI-related risk factors among African American females. *AIDS Education and Prevention*, 25 (2), 124–134. DOI: 10.1521/aeap.2013.25.2.12
- Wade, T. & Walsh, H. (2008). Does the big-5 relate to jealousy, or infidelity reactions? *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 2 (3), 133-143.
- Waite, L. & Gallagher, M. (2000). *The case for marriage: Why married people are happier, healthier, and better off financially*. Nova Yourque: Broadway Books.
- Watson, D., Klohnen, E., Casillas, A., Simms, E. & Haig, J. (2004). Match makers and deal breakers: Analyses of assortative mating in newlywed couples. *Journal of Personality*, 72 (5), 1029-1068. DOI: 10.1111/j.0022-3506.2004.00289.x
- Wozidlo, A. & Segrin, C. (2013) Direct and indirect effects of newlywed couples' neuroticism and stressful events on marital satisfaction through mutual problem solving. *Marriage & Family Review*, 49 (6), 520-545. DOI: 10.1080/01494929.2013.772933
- Zare, B. (2011). Review of studies on infidelity. 3rd International Conference on Advanced Management Science *IPEDR*, 19, 182-186.
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking*. New York, NY, Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (1979). *Sensation Seeking: Beyond the Optimal Level of Arousal*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum. ISBN-10: 1848727798
- Zuckerman, M. (2007). The Sensation Seeking Scale V (SSS-V): Still reliable and valid. *Personality and Individual Differences*, 43 (5), 1303-1305. DOI: 10.1016/j.PAID.2007.03.021
- Zuckerman, M., Eysenck, S., & Eysenck, H. (1978). Sensation seeking in England and America: Cross-cultural, age, and sex comparisons. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 46 (1), 139-149.

- Zuckerman, M., Kolin, E., Prince, L. & Zoob, I. (1964). Development of Sensation-Seeking Scale. *Journal of Consulting Psychology*, 28 (6), 477-482.
- Zuckerman, M. & Neeb, M. (1980). Demographic influences in sensation seeking and expressions of sensation seeking in religion, smoking, and driving habits. *Personality and Individual Differences*, 1, 197-206.

Anexos

Vimos por este meio solicitar a colaboração voluntária no estudo, cujo objetivo é avaliar aspetos da relação conjugal, nomeadamente a satisfação conjugal e as motivações subjacentes a uma possível infidelidade. O estudo encontra-se a decorrer no âmbito do Seminário de Dissertação na Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, sob a orientação da Professora Doutora Bárbara Gonzalez.

Apenas deverão responder pessoas em situação de **conjugalidade numa relação heterossexual**, e numa **relação com duração mínima de 2 anos**.

Se aceitar participar no estudo a sua tarefa consistirá no preenchimento individual do questionário.

Não há respostas certas ou erradas, pretende-se apenas a sua opinião pessoal e sincera.

O questionário é de natureza **confidencial**. O tratamento da informação será realizado de uma forma global, não sendo sujeito a uma análise individualizada, os dados serão tratados estatisticamente, o que significa que o seu **anonimato** será respeitado.

Pode desistir a qualquer momento, se assim o desejar.

Se tiver alguma dúvida não hesite, por favor contacte-me através do email: pintofjf@gmail.com.

Desde já, agradeço a sua disponibilidade em participar no estudo.

Muito Obrigado pela Colaboração

A – Dados sociodemográficos

Assinale a resposta que melhor reflete a sua opinião

1- Género:

Masculino ☐ Feminino ☐

2 – Idade _____

3 – Nacionalidade _____

4 – Formação académica:

1.º Ciclo (até 4.º ano) ☐ 2.º Ciclo (até ao 6.º ano) ☐ 3.º Ciclo (até ao 9.º ano) ☐ Secundário ☐
Frequência Universitária ☐ Licenciatura ☐ Mestrado/ Doutoramento ☐

5 – Estado civil:

Solteiro(a) ☐ União de facto ☐ Casado(a) ☐ Viúvo (a) ☐ Divorciado (a)/ Separado (a) ☐

6 – Situação Profissional

Empregado(a) ☐ Desempregado (a) ☐ Reformado(a) ☐ Estudante ☐
Trabalhador-Estudante ☐

7- Profissão: _____ 8- Filhos: Sim ☐ Não ☐ 8.1. Quantos? _____

9 – No caso de ter tido mais do que uma união/ casamento, especifique se tem filhos:

De uma união/casamento anterior ☐ Da presente união/casamento ☐ De ambas as relações ☐

10- Na sua opinião, qual o grupo de pessoas com maior tendência para a infidelidade?

Adolescentes ☐ Adultos (20 aos 60 Anos) ☐ Pessoas com mais de 60 anos ☐

11- Se tivesse a certeza que não era descoberto(a), considera que poderia vir a ser infiel? Sim ☐ Não ☐

12- Se eventualmente ponderasse ser infiel ao(à) seu(sua) companheiro(a), quais das seguintes motivações melhor refletiriam a sua opinião? Escolha apenas uma) - _____

- | | |
|---|---|
| a) Desejo de vingança contra o parceiro | f) Para ter companhia |
| b) Para aliviar o tédio | g) Aumentar a autoestima e autoconfiança |
| c) Ganhar respeito e reconhecimento | h) Estimulação intelectual |
| d) Para me sentir jovem | i) Para ter uma experiência sexual diferente |
| e) Para me sentir compreendido | j) Para me envolver emocionalmente com uma pessoa diferente |
| | k) Não me revejo em nenhuma das opções |

B- Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal - (EASAVIC, Narciso & Costa, 1996)

Instruções:

Pense na sua relação conjugal. Utilize as seguintes escalas de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão.

1	2	3	4	5	6
Nada satisfeito(a)	Pouco satisfeito(a)	Razoavelmente satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Completamente satisfeito(a)

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, assinalando o número correspondente. Por exemplo, se em relação ao item 6, “Quantidade de tempos livres”, você se sente completamente satisfeito(a), deverá assinalar o n.º 6 da escala.

1.	O modo como gerimos a nossa situação financeira.	1	2	3	4	5	6
2.	A distribuição das tarefas domésticas.	1	2	3	4	5	6
3.	O modo como tomámos decisões.	1	2	3	4	5	6
4.	A distribuição de responsabilidades.	1	2	3	4	5	6
5.	O modo como passamos os tempos livres.	1	2	3	4	5	6
6.	A quantidade de tempos livres.	1	2	3	4	5	6
7.	O modo como nos relacionamos com os amigos.	1	2	3	4	5	6
8.	O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
9.	O modo como nos relacionamos com a minha família.	1	2	3	4	5	6
10.	A minha privacidade e autonomia.	1	2	3	4	5	6
11.	A privacidade e autonomia do meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
12.	A nossa relação com a minha profissão.	1	2	3	4	5	6
13.	A nossa relação com a profissão do meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
14.	A frequência com que conversamos.	1	2	3	4	5	6
15.	O modo como conversamos.	1	2	3	4	5	6
16.	Os assuntos sobre os quais conversamos.	1	2	3	4	5	6
17.	A frequência dos conflitos que temos.	1	2	3	4	5	6
18.	O modo como resolvemos os conflitos.	1	2	3	4	5	6
19.	O que sinto pelo meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
20.	O que o meu cônjuge sente por mim.	1	2	3	4	5	6
21.	O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
22.	O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim.	1	2	3	4	5	6
23.	O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
24.	O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim.	1	2	3	4	5	6

B - Escala Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal - (EASAVIC, Narciso & Costa, 1996) (continuação)

Instruções:

Pense na sua relação conjugal. Utilize as seguintes escalas de modo a expressar o que sente relativamente a cada expressão.

1	2	3	4	5	6
Nada satisfeito(a)	Pouco satisfeito(a)	Razoavelmente satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Completamente satisfeito(a)

Para cada um dos itens, deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que sente, assinalando o número correspondente.

25.	A frequência com que temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
26.	O prazer que sinto quando temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
27.	O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
28.	A qualidade das nossas relações sexuais.	1	2	3	4	5	6
29.	O apoio emocional que dou ao meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
30.	O apoio emocional que o meu cônjuge me dá.	1	2	3	4	5	6
31.	A confiança que tenho no meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
32.	A confiança que o meu cônjuge tem em mim.	1	2	3	4	5	6
33.	A admiração que sinto pelo meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
34.	A admiração que o meu cônjuge sente por mim.	1	2	3	4	5	6
35.	A partilha de interesses e atividades.	1	2	3	4	5	6
36.	A atenção que eu dedico aos interesses do meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
37.	A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses.	1	2	3	4	5	6
38.	Os nossos projetos para o futuro.	1	2	3	4	5	6
39.	As minhas expetativas quanto ao futuro da nossa relação.	1	2	3	4	5	6
40.	As expetativas do meu cônjuge quanto ao futuro da nossa relação.	1	2	3	4	5	6
41.	O aspeto físico do meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
42.	A opinião do meu cônjuge tem sobre o meu aspeto físico.	1	2	3	4	5	6
43.	As características e hábitos do meu cônjuge.	1	2	3	4	5	6
44.	A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas características e hábitos.	1	2	3	4	5	6

C - Sensation-Seeking Scale V (SSS – V, Zuckerman, Eysenck & Eysenck, 1978)

Este instrumento é composto por **uma série de 40 itens** e cada item consta **de duas afirmações (A e B)**. Para cada item assinale, qual das duas frases (A ou B) melhor descreve **as suas preferências ou sentimentos**. Nalguns casos pode pensar que ambas as alternativas podem servir para descrever os seus gostos ou sentimentos. Contudo, escolha a frase que o melhor define. Noutros casos, vai encontrar duas alternativas que não o(a) satisfazem. Escolha, mesmo assim, a menos má. **Não deixe nenhum item em branco**. É importante responder a todos os itens com **uma só escolha**, A ou B. Só estamos interessados nas suas preferências ou sentimentos, não em saber o que os outros pensam dessas atividades e se é correto ou não. Neste teste não há respostas corretas ou erradas. Seja franco(a) e tente fazer uma avaliação honesta de si próprio.

1.	A. Gosto de festas “loucas” e desinibidas. B. Prefiro festas sossegadas, com uma boa conversa.	
2.	A. Há certos filmes que gosto de ver duas ou três vezes. B. Não tenho paciência para ver um filme que já tenha visto antes.	
3.	A. Penso com frequência que gostaria de ser alpinista. B. Não consigo compreender pessoas que arriscam a vida para escalar montanhas.	
4.	A. Não gosto de nenhum cheiro corporal. B. Gosto de alguns cheiros do corpo humano.	
5.	A. Fico farto de ver sempre as mesmas caras. B. Gosto da confortável familiaridade dos amigos do dia-a-dia.	
6.	A. Gosto de explorar, sozinho, uma cidade estranha, ou uma parte da cidade, mesmo correndo o risco de me perder. B. Prefiro ter alguém para me guiar, quando estou num sítio que não conheço bem.	
7.	A. Não gosto de pessoas que fazem ou dizem coisas só para chocar ou aborrecer os outros. B. Uma pessoa em que quase sempre podemos prever o que vai fazer ou dizer tem que ser um(a) chato(a).	
8.	A. Normalmente, não gosto de um filme ou peça de teatro em que posso prever o que se irá passar. B. Não me importo de ver um filme ou peça de teatro em que posso adivinhar o que vai acontecer a seguir.	
9.	A. Já experimentei haxixe (erva) ou gostaria de o fazer. B. Nunca seria capaz de fumar haxixe.	
10.	A. Não gostaria de experimentar nenhum tipo de substâncias que me possa produzir efeitos estranhos ou perigosos. B. Gostaria de experimentar alguma das novas substâncias que provocam alucinações.	
11.	A. Uma pessoa sensata evita atividades perigosas. B. Por vezes, gosto de fazer coisas um pouco assustadoras.	
12.	A. Não gosto de libertinos (pessoas com uma grande liberdade sexual). B. Gosto da companhia de verdadeiros libertinos.	
13.	A. Acho que os estimulantes me dão uma sensação de desconforto. B. Gosto de ficar com “pedalada” (beber ou fumar haxixe).	
14.	A. Gosto de experimentar comidas novas que nunca tenha provado. B. Costumo pedir os pratos que já conheço, para evitar desilusões e surpresas desagradáveis.	
15.	A. Gosto de ver filmes domésticos ou slides de férias. B. Ver filmes domésticos ou slides de férias, chateia-me bastante.	
16.	A. Gostaria de praticar esqui aquático. B. Não gostaria de praticar esqui aquático.	
17.	A. Gostaria de praticar surf. B. Não gostaria de praticar surf.	
18.	A. Gostaria de poder fazer uma viagem sem destino, nem horários definidos. B. Quando viajo, gosto de planejar o percurso e as horas com algum cuidado.	
19.	A. Gosto de amigos “com os pés assentes na terra”. B. Gosto de ter amigos excêntricos, como artistas ou “punks”.	

20.	A. Não gostaria de aprender a pilotar um avião. B. Gostaria de aprender a pilotar um avião.	
21.	A. Prefiro a superfície da água às profundezas. B. Gostaria de praticar mergulho subaquático.	
22.	A. Gostaria de conhecer pessoas que são homossexuais (homens ou mulheres). B. Afasto-me de pessoas que suspeito serem homossexuais.	
23.	A. Gostaria de experimentar saltar de paraquedas. B. Nunca gostaria de saltar dum avião.	
24.	A. Prefiro amigos que sejam excitantemente imprevisíveis. B. Prefiro amigos de confiança, previsíveis.	
25.	A. Não estou interessado em experimentar só por experimentar. B. Gosto de experiências e sensações novas e excitantes, mesmo que sejam um pouco assustadoras, estranhas ou mesmo ilegais.	
26.	A. A essência da boa arte está na clareza, simetria das formas e harmonia das cores. B. Eu costumo encontrar beleza nas cores contrastantes e nas formas irregulares da pintura moderna.	
27.	A. Gosto de passar tempo nos arredores familiares de minha casa. B. Fico muito irrequieto se tiver que ficar perto de casa, durante muito tempo.	
28.	A. Gosto de saltar de pranchas altas. B. Não gosto da sensação de estar em pranchas altas (ou nem sequer me aproximo).	
29.	A. Gosto de sair com pessoas do sexo oposto que sejam fisicamente excitantes. B. Gosto de sair com pessoas do sexo oposto que partilhem os meus valores.	
30.	A. Bebida em excesso geralmente estraga as festas porque algumas pessoas ficam barulhentas e provocadoras. B. Muita bebida é a chave do sucesso de uma festa.	
31.	A. O pior defeito social é ser bruto. B. O pior defeito social é ser chato.	
32.	A. Uma pessoa deve ter uma razoável experiência sexual antes do casamento. B. É preferível um casal começar a sua experiência sexual em conjunto.	
33.	A. Mesmo se tivesse dinheiro não teria interesse em associar-me a pessoas ricas e frívolas como as do “Jet-Set”. B. Consigo imaginar-me numa vida de prazer pelo mundo fora com o “Jet-Set”.	
34.	A. Gosto de pessoas perspicazes e espertas, mesmo que por vezes, magoem outras pessoas. B. Não gosto de pessoas que se divertem à custa de magoar os sentimentos dos outros.	
35.	A. No geral há demasiadas cenas de sexo nos filmes. B. Gosto de ver muitas das cenas de sexo no cinema.	
36.	A. Sinto-me melhor depois de ter bebido uns copos. B. Algo está errado nas pessoas que têm de beber álcool para se sentirem bem.	
37.	A. As pessoas deviam vestir-se de acordo com os padrões de bom gosto, estilo e perfeição. B. As pessoas devem vestir-se como entenderem mesmo que o resultado, por vezes, seja esquisito.	
38.	A. Fazer longas viagens em barcos à vela pequenos é estupidez. B. Gostaria de fazer uma viagem grande num barco à vela pequeno, desde que navegasse bem.	
39.	A. Não tenho paciência para pessoas chatas e aborrecedoras. B. Costumo encontrar coisas interessantes em quase todas as pessoas com quem falo.	
40.	A. Descer uma encosta íngreme de esquis é uma boa maneira de acabar de muletas. B. Penso que gostaria da sensação de descer muito depressa uma encosta de esquis.	

D - Motivations for Infidelity Inventory – (MII, Barta & Kiene; 2005)

1 - Em alguma relação, anterior ou atual, fez um acordo de não se envolver com mais ninguém?

Sim ☐

Não ☐

2 - Apesar desse acordo, envolveu-se com outra pessoa durante esse(s) relacionamento(s)?

A – Relacionamento anterior

Sim, emocionalmente ☐

Sim, fisicamente ☐

Sim, emocional e fisicamente ☐

Não ☐

B – Relacionamento atual

Sim, emocionalmente ☐

Sim, fisicamente ☐

Sim, emocional e fisicamente ☐

Não ☐

Em relação às situações seguintes, diga até que ponto foram, ou poderiam ser, consoante o seu caso, razões para a ocorrência de uma situação de infidelidade.

1	2	3	4	5	6	7
Nunca seria uma razão						Seria uma razão muito provável

3	Queria ter sexo mais frequentemente	1	2	3	4	5	6	7
4	O meu parceiro habitual estava emocionalmente distante	1	2	3	4	5	6	7
5	Queria uma maior variedade de parceiros sexuais	1	2	3	4	5	6	7
6	O meu parceiro habitual tinha-me sido infiel e queria fazer-lhe o mesmo	1	2	3	4	5	6	7
7	Queria terminar a relação com o meu parceiro habitual	1	2	3	4	5	6	7
8	Não tinha a certeza se o meu parceiro habitual era a pessoa certa para mim	1	2	3	4	5	6	7
9	O meu parceiro habitual não se interessava por práticas sexuais que eu acho excitantes	1	2	3	4	5	6	7
10	Tinha deixado de gostar do meu parceiro habitual	1	2	3	4	5	6	7
11	Queria vingar-me do meu parceiro habitual por qualquer coisa que ele tivesse feito	1	2	3	4	5	6	7
12	O meu parceiro habitual tinha perdido o interesse no sexo	1	2	3	4	5	6	7
13	O meu parceiro habitual não passava tempo suficiente comigo	1	2	3	4	5	6	7
14	Queria provar ao meu parceiro habitual que as outras pessoas me achavam atraente	1	2	3	4	5	6	7
15	Senti-me negligenciada pelo meu parceiro habitual	1	2	3	4	5	6	7
16	A pessoa com quem eu me envolvesse era intelectualmente mais estimulante que o meu parceiro habitual	1	2	3	4	5	6	7
17	A ligação emocional que eu senti pela pessoa com quem me envolvi era muito forte	1	2	3	4	5	6	7
18	Senti que a ligação com o meu parceiro habitual estava com problemas	1	2	3	4	5	6	7

Por favor, verifique se respondeu a todas as questões.

Muito Obrigado pela Colaboração